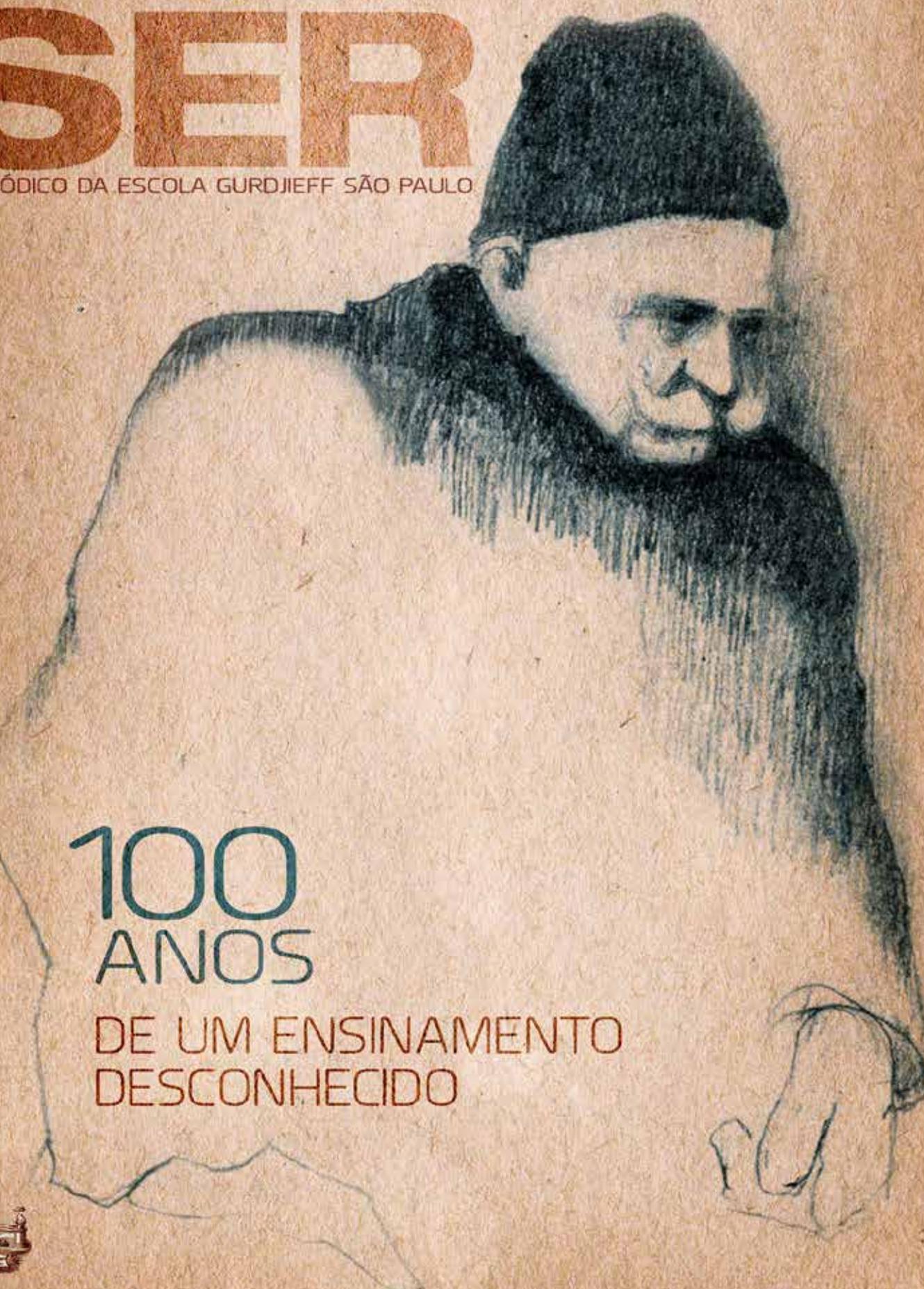


SER

PERIÓDICO DA ESCOLA GURDJIEFF SÃO PAULO

17



100
ANOS

DE UM ENSINAMENTO
DESCONHECIDO



ÍNDICE

- 1 CARTA AOS LEITORES
- 2 ENTREVISTA
PAULO RAFUL – LIBERDADE
- 14 ENTREVISTA
LAURO RAFUL – RELACIONAMENTOS
- 26 TEXTOS TRADICIONAIS
 - 27 A ATENÇÃO E AS DUAS NATUREZAS DO HOMEM (Michel Conge)
 - 32 EU SOU ISSO? (Michel de Salzmann)
 - 33 ISSO É POSSÍVEL AGORA? (Michel de Salzmann)
 - 34 O QUE VOCÊ DÁ DEPENDE DO QUE RECEBE (Michel de Salzmann)
 - 36 ATITUDES CERTAS E ERRADAS (P.D.Ouspensky)
 - 39 AS REFEIÇÕES ESPECIAIS DO SR. G. (Jessmin e Dushka Howarth)
 - 41 MEDITAÇÃO NÃO É CONTEMPLAÇÃO (Jeanne de Salzmann)
 - 42 EM UM CORPO QUIETO, EU INSPIRO (Jeanne de Salzmann)
 - 44 SOBRE A BREVIDADE DA VIDA (texto da tradição judaica)
- 45 ARTIGOS
 - 46 OS CONTOS DE FADAS E O TRABALHO INTERIOR: A BELA E A FERA (Lourdes Baptistella)
 - 48 PARA VOCÊ QUE ESTÁ A CAMINHO, PARA VOCÊ QUE ESTÁ NO CAMINHO (Cíntia Fernandes Contreiras)
 - 50 O MUNDO DAS IDEIAS DO SR. BELZEBU (Marian Suzano Bleier)
 - 52 SÃO OS PLANETAS SERES VIVOS? (Equipe de Estudos do livro *Fragmentos*)
 - 60 O MAIOR OBJETIVO (Márcia Kondratiuk)
 - 61 REFLEXÕES SOBRE O TEXTO BÍBLICO “LIVRO DE TOBIAS” (Equipe da revista)
 - 65 OCTOPUS (MOCK.)
- 66 POESIAS
 - 67 POEMA (Guilherme Albert Vigar Hahne)
 - 68 GENEROSIDADE REAL (Gineton Alves Medeiros)
 - 69 O FOGO RESPLANDECENTE (Maria Aparecida De Stefano)
 - 70 ORAÇÃO DA MISERICÓRDIA (Mariett Rozner)
- 71 TAROT DA ALQUIMIA
 - 72 CONSULTA AO ORÁCULO (Márcia Kondratiuk)
 - 73 Carta nº 13 – “Engolindo o próprio filho”
 - 74 Carta nº 14 - “A ressurreição”
 - 75 Carta nº 15 – “Trinus et Unus”
- 76 CONTOS DA TRADIÇÃO SUFI
 - 77 DIÁLOGO ENTRE MAHMUD E O ANCIÃO
 - 78 UMA NOITE NA VIDA DO SHEIK BAYAZID
OUTRA PEQUENA HISTÓRIA ALEGÓRICA
 - 79 CONVERSA DE MOISÉS COM SATANÁS
HISTÓRIA DE UM SUFI
 - 80 UMA PEQUENA HISTÓRIA DE AMOR
O DISCÍPULO E SEU MESTRE

CARTA AOS LEITORES

O Sr. Gurdjieff iniciou a transmissão do Ensino Espiritual na Rússia, em 1913, ou seja, há 100 anos.

Ele foi a encarnação do Ensino, instruindo, formando, preparando incansavelmente um seleto grupo de seguidores, com a qualidade iluminadora de sua presença. Um mestre entre os mestres, que passou pelas vicissitudes da Revolução Russa, de duas Guerras Mundiais e de um acidente de automóvel gravíssimo – experiências que poderiam destruir um ser humano comum – sem jamais esquecer sua meta, sua missão de conduzir-nos de volta à nossa origem celeste.

A chama de seu Trabalho continuou e continuará sempre acesa, passando de instrutores para alunos, em uma misteriosa corrente que segue acima do fluxo inexorável da vida. As sementes que plantou germinaram em várias partes do planeta, e algumas delas se transformaram em árvores mágicas, milagrosas, como a que floresceu aqui no Brasil, em São Paulo.

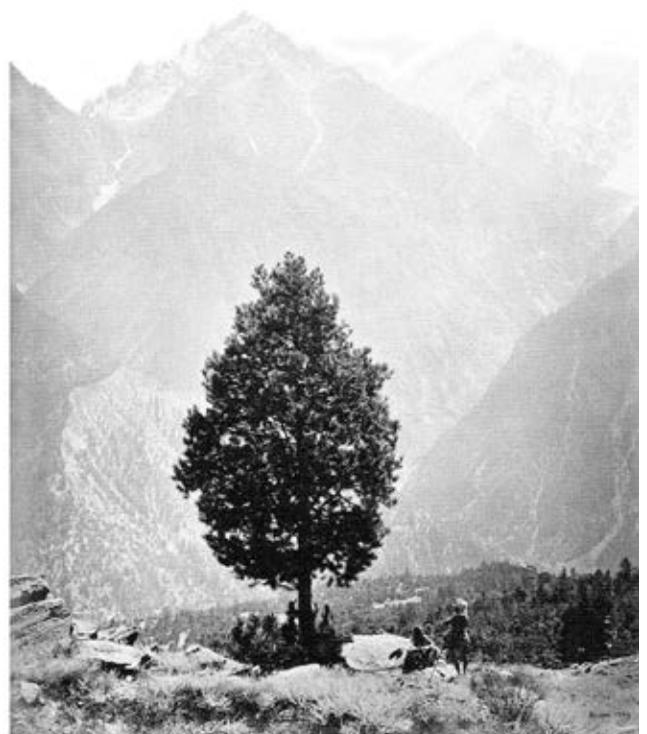
Sua obra literária também revela a essência do Conhecimento de uma forma muito original, provocando nos leitores – que aceitem passar, ao mesmo tempo, pelo fogo destruidor e construtor de suas ideias – uma verdadeira revolução na arte de pensar e de sentir.

Expressamos nossa reverência e gratidão ao Sr. Gurdjieff, reproduzindo o texto final* da resposta de Belzebu ao jovem Hassin, seu neto, que trata da única possibilidade de salvação dos seres humanos sobre a Terra:

“... que cada um desses infelizes, durante o processo de sua existência, experimente e tome sem cessar

consciência da inevitabilidade de sua própria morte, assim como da morte de cada um daqueles sobre os quais se detém seu olhar ou sua atenção.

“Só esta sensação e este conhecimento podem agora reduzir a nada o egoísmo que se cristalizou definitivamente neles e absorve sua essência toda inteira, destruindo, ao mesmo tempo, a tendência a odiar os demais, que é sua consequência, tendência que determina essas relações recíprocas cuja existência é a causa principal de todas as suas anomalias, indignas de seres tricerebrais e funestas para eles, assim como para todo o Universo.”

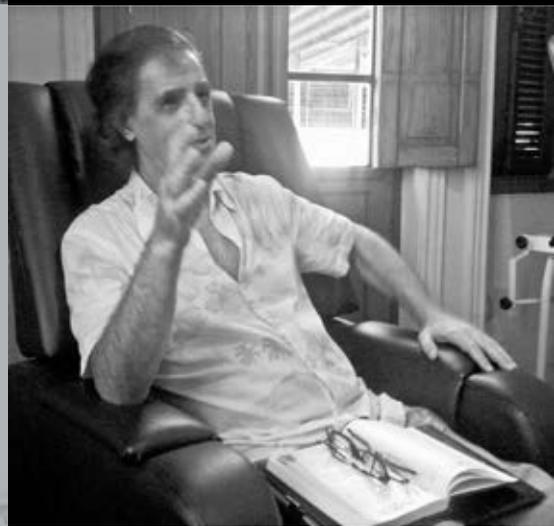


*Texto extraído da página 1.116 do livro “Relatos de Belzebu a seu Neto”, de G. I. Gurdjieff, Horus Editora.

Paulo Ruffini



ENTREVISTA
LIBERDADE





Este texto é a transcrição de uma conversa informal, improvisada, que tivemos com Paulo Raful a respeito de liberdade. Por isso, não tem as características de um texto escrito.

INTRODUÇÃO

PAULO RAFUL: Antes que vocês coloquem qualquer pergunta sobre o assunto LIBERDADE, preciso fazer uma ligação telefônica e pedir autorização para falar sobre o tema:

– Alô, Sua Majestade? Antes de tudo, muito obrigado por sua atenção, mas é que tem umas pessoas aqui, representantes da Revista Ser, me propondo o assunto LIBERDADE a ser desenvolvido durante uma entrevista.

– Ah, o Senhor já sabia, não é mesmo? Afinal, o Senhor sabe de tudo.

– Ah é? Que bom que o Senhor está bem-humorado e luminoso, como sempre. Elas estão Lhe parecendo Chapeuzinho Vermelho, caminhando pela floresta com seu cestinho, indo visitar a vovozinha? Eu já estava vendo isso de forma diferente: elas estão me parecendo aquelas pessoas de gabarito internacional, sentadas diante de um lauto banquete, para discutir a fome no mundo...

– Então o Senhor me autoriza a falar sobre o assunto? Mas, se eu falar com muita franqueza sobre ele, a minha popularidade, que já está bem baixa, ficará ainda pior.

– Ah, já entendi... Quer dizer então que está difícil cumprir a quota que Lhe foi imposta pelo Mais Alto ao qual o Senhor é subordinado? Qual era mesmo a quota? 0,00005% seria a quota mínima? Contando que a humanidade hoje é composta por 7 bilhões de pessoas, isso daria 3.500 pessoas? Sei, sei, o limite aceitável seria 0,0001%, que corresponde a 7 mil pessoas, levando em conta os 7 bilhões atuais? Sim, estamos aqui tentando, o Senhor sabe disso... Certo, certo! Agradeço a sua atenção e o seu apoio. Vou tentar falar didaticamente sobre o assunto. Obrigado, recomendações à sua Senhora. Sei que o humor dela não é dos mais fáceis, visto o que ela fez com o nosso amigo Hércules. Mas deixa para lá... Diga-lhe que tenho o maior respeito por ela e que estou mandando

um abraço. As entrevistadoras da Revista SER também mandam um abraço. Elas adoraram a analogia que o Senhor fez com a história do Chapeuzinho Vermelho... Estão muito admiradas com o seu bom humor. Mais uma vez, muito obrigado por nos atender.

PR: Bem, agora já estou credenciado por uma autoridade mais alta para falar francamente sobre LIBERDADE. Para isso, vou usar uma analogia que vai-nos ajudar a tratar o assunto de forma didática e divertida. Em que cidade, em que estado e em que país vocês moram?

REVISTA SER: Na cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo, no Brasil.

PR: Certo... E quem reside na cidade de São Paulo tem de obedecer algumas leis municipais como não fumar em lugar público, fazer inspeção veicular, etc., não é mesmo? E a pessoa que mora no Estado de São Paulo, tem de seguir também algumas leis como pagar o ICMS local, votar para escolher o governador do Estado, etc. E o fato de viver no Brasil a obriga ainda a cumprir leis de caráter nacional, não é mesmo? Como pagar imposto de renda, por exemplo. Ou vocês aqui presentes estão livres dessas coisas? Além disso, nem a cidade de São Paulo, nem o Estado de São Paulo nem o Brasil funcionam sozinhos, não é? Há um mandatário para cada uma dessas instituições: prefeito, governador e presidente. Já que vocês concordaram com tudo isso, pergunto: Se falarmos em termos de um quarto estágio, onde vocês moram?

RS: No Sistema Solar.

PR: Então, pela mesma analogia, é evidente que o Sistema Solar não funciona sozinho. Quem seria seu mandatário? É esse com quem eu acabo de falar. Vocês viram com quem eu acabei de falar. Nosso grande Senhor é um ser exaltado, poderosíssimo, resplandecente de luz, cheio de amor, bondade, sabedoria e poder. Para nós é um ser de grandeza inimaginável. De quem estamos falando?

RS: Lembra-me Deus, o Criador.

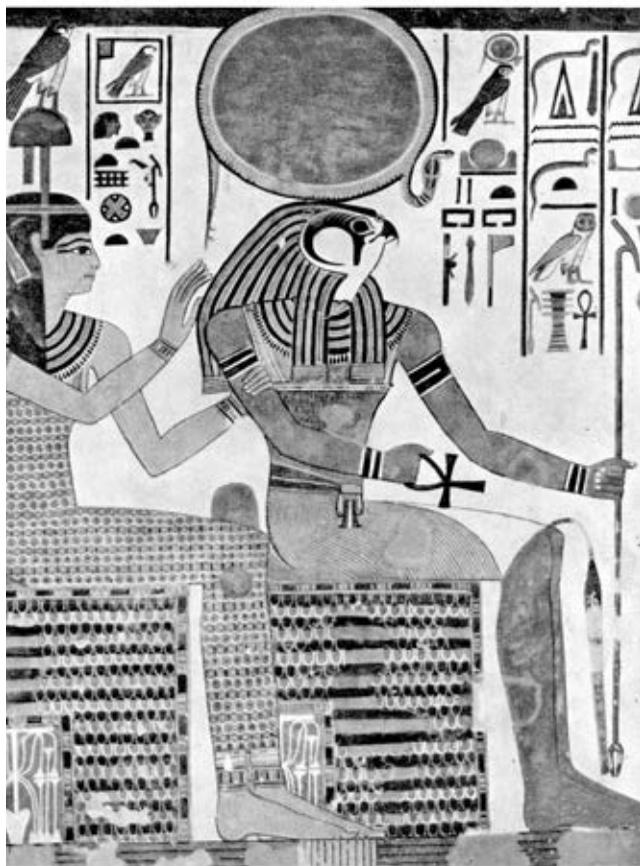
PR: Muito apropriadamente você se lembrou do Criador, porque o criador de nosso Sistema Solar é o Sol. Isso



O Criador é o Arquiteto Supremo de uma ordem cósmica perfeita. Deus medindo o mundo com o compasso, ca. 1250, Bible Moralisée

não tem nada de filosófico. Ele é o criador do Sistema Solar, porque é ele que cria, sustenta, alimenta e manda luz para o nosso sistema todo. Como é o proprietário desse conjunto, estamos sob suas leis. Ele é o Criador e o Mantenedor dessa estrutura organizada.

Essa função do Sol fica muito evidente quando estudamos a antiga civilização egípcia, pois os egípcios reverenciavam o deus Rá, o Sol. Rá significa "aquele que faz": ele recebe matéria-prima do Deus superior e faz.



Hórus também foi reverenciado como deus Sol. Imagem da mitologia egípcia

Mas o Sol tem acima dele pelo menos a Via-Láctea inteira. Dentro dela, ele é algo ínfimo, é apenas mais um entre bilhões de outros sóis. Mas dentro do nosso Sistema Solar, tem força e poder. Para usarmos uma linguagem mais próxima da simbólica, podemos dizer que ele recebe autorização da Via-Láctea para fazer a sua pequena empresa funcionar.

ESTAMOS CONVENCIDOS DE QUE SOMOS UM CORPO

Fazemos confusão sobre o que somos, porque estamos convencidos de que somos um corpo, produto aqui da Terra. O Ensino gurdjieffiano nos mostra que isso não é verdade, que existe um conhecimento arcaico, primordial, que nos ensina que o corpo humano é produto da Terra, mas o sentimento e a razão que somos são do mesmo plano do Sistema Solar. Então, o fato importante a considerar é que a razão e o sentimento vêm de outro plano. Não podemos negar que o ser humano é um ser de razão, por pior uso que faça dela.

Por analogia, não sou um homem que sabe usar ferramentas, mas isso não significa que não existam pessoas que usem ferramentas com grande competência. O fato de eu não ser bom com ferramentas não quer dizer que elas não existam.

Da mesma forma, o ser humano é um ser de sentimento, por mais complicado e encoberto que este esteja por nossas dificuldades emocionais. O nó da questão está em nos vermos apenas como Darwin nos viu em sua Evolução das Espécies. Se acreditarmos que somos apenas um produto da evolução das espécies, essa nossa conversa fica sem sentido, porque devemos ficar satisfeitos em ter liberdade de ir e vir. Em Cuba, na Coreia do Norte, por exemplo, não se pode ir e vir livremente. Então, do ponto de vista darwiniano, se posso votar, se tenho liberdade de transitar, se posso fazer as compras que meu dinheiro me permite, se posso casar-me com quem eu quero, se posso viajar para onde desejo, se faço o que quero, sou um homem livre. Tenho de seguir algumas leis sociais, é claro, mas sou uma pessoa livre.

Essa visão darwiniana é perfeitamente correta e aceitável no que diz respeito ao corpo humano e não estamos aqui para convencer ninguém do contrário. Estamos aqui para expor certas ideias para quem se interessar por elas e quiser colocá-las em prática através de alguns exercícios específicos.

A FINA MATERIALIDADE DO SENTIMENTO E DA RAZÃO

Se nós somos razão e sentimento, significa que existe em nós uma materialidade extremamente fina, sutil, que



precisa de um veículo para se manifestar neste mundo. E o corpo apropriado para se manifestar neste mundo é nosso corpo físico. O problema é que, a partir do momento que adquirimos este corpo, ficamos presos a ele. Por analogia, podemos dizer que o corpo físico, ou seja, nossa organização fisiológico-hormonal, corresponderia ao município da analogia acima; ao estado corresponderia nossa estrutura emocional; e ao país, nosso processo mental.



Nosso corpo físico pertence à Terra e está sujeito ao envelhecimento e à morte.
São Jerônimo. Pintura de Leonardo da Vinci

O processo mental é o chefe preferido de Sua Excelência, também chamado de *Your Highness*, Sua Alteza, porque ele é o mais eficiente, de uma competência extraordinária. É magnífico e admirável. O que podemos chamar de mental, na verdade, é apenas a parte frontal do cérebro, que se localiza na testa. É essa parte que processa, monta e organiza os dados fornecidos pelos cinco órgãos dos sentidos.

É por isso que os olhos estão situados nela. Coordenador dos outros sentidos, os olhos são o príncipe dos cinco órgãos dos sentidos, o que permitiu a sobrevivência da nossa espécie. Como nós, humanos, não temos a força de um dinossauro ou de um elefante, por exemplo, nem a habilidade de respirar debaixo d'água, precisamos dessa ferramenta maravilhosa, o mental frontal, para sobreviver.

Mas sabemos que não existe bônus sem ônus. Como bônus, o mental frontal nos permitiu sobreviver como espécie. Mas qual seria seu ônus? É que só as coisas transmitidas pelos órgãos dos sentidos são importantes para ele, ou seja, a única coisa que lhe interessa é nossa sobrevivência. Ele vive preocupado com suas tarefas relativas às coisas ouvidas, vistas, saboreadas, tocadas e sentidas. Portanto, a razão e o sentimento ficaram presos nesse labirinto.

O "DESPERTAR DA INTELIGÊNCIA"

Mas pode haver uma chance de nos desvencilharmos um pouco desse príncipe, que é o mental. Como? Despertando o que o Ensino gurdjieffiano chamou de razão objetiva ou centro intelectual superior, ou ainda, dentro de outra tradição, despertando Buddhi em nós. Buddhi tem a mesma raiz de Buda, que é o "despertar da inteligência". É Buddhi que nos leva a perguntar: "De onde vim, para onde vou, qual é a minha origem?"

Se não fizermos essa pergunta, ficaremos completamente prisioneiros dos três planos de que falávamos: o fisiológico-sexual, o emocional e o mental que corresponde à parte frontal do cérebro. Trocando em miúdos, somos prisioneiros de uma dor de barriga, de um prazer sexual, de emoções como raiva, ciúme, inveja, etc., dos nossos conceitos mentais, como convicções religiosas ou político-partidárias, e assim por diante. Isso tudo forma uma estrutura impenetrável, da qual ninguém sai.

SOL E LIBERDADE

Os homens, rebanho de Deus, foram bem providos pelo deus Sol. Além de sermos produtos do Sol, é ele que nos



O sorriso expressa a plenitude do Ser Profundo. Arte do Khmer, século VII. Foto de Thierry Ollivier

dá alimento para sobrevivermos. Se não houvesse o Sol, não existiriam o mundo animal nem o vegetal para nos alimentar.

Mas em determinado momento, temos de perceber que estamos subjugados às leis da sobrevivência da espécie. Se não compreendermos qual é o jogo, ficaremos tão inconscientes desse jugo como a mulher que, em um programa antigo de TV, ficou indignada quando o apresentador lhe disse que ela era escrava do próprio útero. Ela não compreendeu que, de certa forma, todos somos escravos do centro sexual. É ele que nos empurra para caminhos que tomamos na vida sem nos darmos conta disso. Somos 7 bilhões de escravos e somente uma pequena quota desses escravos tem a chance de escapar do jugo da sobrevivência: não mais que 3 mil a 3.500 pessoas entre todos os habitantes do planeta. Só escapando dele, podemos falar em LIBERDADE.



O labirinto. Catedral de Chartres

hoje até nosso corpo acabar em um túmulo. O Tempo joga areia em nossos olhos! Já sua esposa nos empresta sua Energia, que é traduzida em hormônios, em emoções, em nosso intenso processo pensante, etc. Ela está atrelada ao seu marido, e em um determinado momento, o casal vai-nos arrastar para a velhice. Para quem viver apenas sob o domínio deles, só restará o conforto de alguma visão religiosa, que lhe dará alguma perspectiva em relação ao seu futuro pós-morte.

Podemos tomar essa senhora sob outro aspecto, dando-lhe o nome de Karma. A raiz *kar*, em sânscrito, significa fazer ou ação. É fácil percebermos que tudo na vida gera consequência. A lei de causa e efeito produz o karma. Colhemos o que plantamos, como dizem os Evangelhos. E todo agricultor sabe disso.

Assim, nossa situação é praticamente insolúvel, a não ser que façamos parte da "quota da salvação".

O SOL E SUA ESPOSA

Mas dentro desse assunto, temos de fazer alguns esclarecimentos. O Sol tem vários nomes nas antigas tradições, como, por exemplo, Rá entre os egípcios, Apolo entre os gregos. Sua esposa também tem vários nomes: Maat entre os egípcios, Maya entre os hindus. A propósito, entre esses últimos, Yama, o deus da Morte, e Maya, o mundo de Ilusão, têm as mesmas letras na constituição dos seus nomes. Morte e Ilusão são duas palavras totalmente entrelaçadas.

Mas como esses reis e rainhas controlam o reinado deles? Rá, enquanto Sol, demarca o Tempo para nós. Ele está sempre fluindo, prometendo-nos novos amanhã, nos dizendo que o dia de amanhã será melhor que o de

A LEI DO TEMPO

A lei do Tempo atinge todas as coisas. Só para dar um exemplo, os próprios Evangelhos estão sujeitos à lei do Tempo. As diversas traduções, que fizeram deles ao longo dos anos, trouxeram muitos equívocos.

Os Evangelhos foram escritos originalmente em grego e as diversas traduções subsequentes não levaram em consideração palavras que, do ponto de vista interior, estariam mais corretas do que as que foram usadas nos textos que circulam por aí. Muitas vezes, nós consultamos vários dicionários para procurar outras possibilidades de traduzir determinadas palavras que não nos pareceram adequadas e já chegamos a resultados fantásticos, sob o ponto de vista interior. Por exemplo, o termo Soterias foi

traduzido do grego como Salvador, e isso está correto. Porém depois de consultar vários dicionários, encontrei essa palavra grega traduzida como "retornar bem", o que do ponto de vista do trabalho interior, faz muito mais sentido.

Não se trata, portanto, de um Salvador que vem salvar-nos, caso façamos caridade, por exemplo. Retornar bem, em boa paz, implica outra coisa. Dentro dessa visão, o Salvador seria o Ensino que nos dá elementos para sairmos da faixa frontal do mental e mergulharmos num plano muito mais profundo do nosso cérebro, onde reside uma inteligência que vai além do plano mental. Vemos então que temos possibilidades de inteligência que não existem na parte frontal do cérebro. Mas para chegar nisso, temos de fazer um trabalho de recolhimento.

RECOLHIMENTO

O que significa recolher-se? Significa, por alguns momentos, morrer voluntariamente para os órgãos dos sentidos, mergulhando, dessa forma, em outra esfera do ser.

Mesmo o maior atleta ou o homem mais rico do mundo vai continuar escravo se não se interessar por fazer esse tipo de recolhimento, que lhe dará novas possibilidades. Um grande cientista, por exemplo, pode desenvolver teorias fantásticas que o levarão a descobrir coisas que vão melhorar muito a vida de todos neste Planeta, mas ele não sairá do templo da escravidão, das leis que governam este lugar dentro do Sistema Solar. Enquanto nossas

experiências aqui não doerem suficientemente, não vamos querer sair daqui. Nesse sentido, o sofrimento é uma grande bênção disfarçada.

Embora as nomenclaturas também nos aprisionem, vamos didaticamente chamar essa parte frontal do cérebro de mental e sua parte mais profunda, usando uma nomenclatura do Ensino gurdjieffiano, de intelecto superior, correspondendo a um nível superior do corpo mental.

Essa inteligência superior é capaz de apoiar e de estimular a inteligência normal, mas entrevê outras possibilidades que vão muito além desse nível. Os grandes físicos estão próximos dessa inteligência quando chegam à concepção do Big Bang, mas como não praticam intencionalmente o processo de recolhimento profundo, ficam limitados no que se refere ao desenvolvimento do próprio ser. Eles praticam certo recolhimento quando começam a refletir sobre a origem das coisas, mas não alcançam essa inteligência profunda, pois ela só é atingível quando casada com o recolhimento. São duas coisas diferentes: refletir e recolher-se profundamente. No recolhimento já existe o pressentimento de que há um plano superior ao dos órgãos dos sentidos.

RS: Quando você falava em LIBERDADE, me ocorreu que,

quando estou em estado de sono profundo, experimento uma liberdade inconsciente em contrapartida ao momento do recolhimento em que experimento, a cada vez, gotas de uma liberdade consciente, uma liberdade que tem outra materialidade. É ela que me permite ter uma inteligência mais aguda, um jeito de lidar com minhas questões emocionais de forma mais madura, mais tranquila; gera



Deus criando Adão. Catedral de Chartres

também a possibilidade de preservar minha energia, minha saúde física. Mas tudo isso, se não praticarmos o recolhimento voluntário, não experimentamos. Não recebemos as benesses que a vida cotidiana não nos proporciona.

PR: O que você está trazendo me ajuda a dar um cunho mais prático ao nosso diálogo. O que caracteriza o sono profundo? É um estado de sono sem sonhos, que me livra de várias coisas que gastam a minha energia no dia a dia. Nesse estado, não tenho fome, não sinto emoções, fico livre de opiniões, não pertencço a nenhuma religião ou etnia, fico livre de julgamentos, etc.

Nesse sentido, o sono profundo é um modelo muito interessante de liberdade, porém não é completo. Como você disse, é um estado em que não estamos conscientes, mas que serve de modelo para falar do recolhimento.

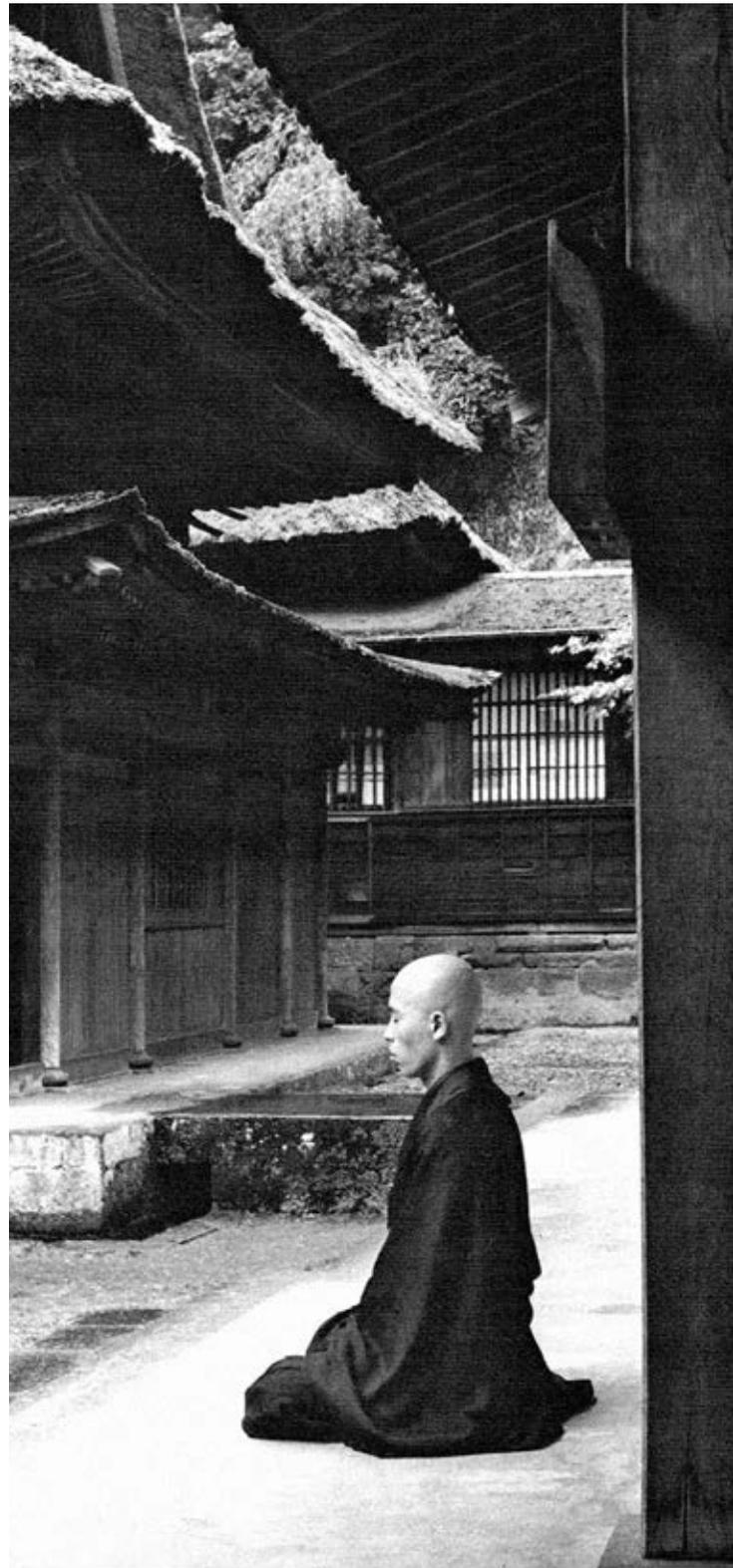
Nesse último estado, em que fico consciente, também me desembaraço de todas essas coisas que me aprisionam e que desaparecem no sono profundo. Nele, posso presentir essa outra inteligência que me traz gotas de felicidade, como você disse.

No sono profundo, ainda somos escravos da respiração. Por isso, por exemplo, se a dor física aparecer e for de certa intensidade, ela pode me tirar do sono profundo, ou um forte barulho pode me jogar no estado de confusão.

Já no recolhimento, é como se eu subisse em um prédio, ou pegasse um helicóptero e me alçasse acima de tudo. Fico ainda escutando o comício do plano de baixo, mas já caí fora dele. Começo então a ter a certeza de que posso sair do Sistema, de que tenho a possibilidade de não ser escravo nem da respiração nem de nada mais. Só assim posso sair da grande penitenciária, do estado em que vive a humanidade inteira.

RS: *Há níveis no estado de recolhimento, não é mesmo? Você tem colocado, constantemente, que existe um primeiro nível fundamental, em que me proponho a sair do Sistema. Mas existe outro, em que me proponho a largar tudo que está dentro de mim naquele momento, em que morro para tudo.*

PR: O grande apóstolo São Paulo já dizia *I die daily* (eu morro diariamente). De forma muito competente,



Monge budista em meditação. Foto de Takamasa Inamura

ele resume nessa frase a chave do trabalho interior. É preciso morrer voluntariamente por alguns momentos todos os dias.

Isso está simbolizado na escada de Jacó. Retornar ao Divino é subir a escada. Depois que subimos uma vez, somos capazes de subir ou descer a qualquer hora. Podemos morrer para as coisas deste mundo e, momentos depois, voltar para atendê-las. Quando nos alcançamos, voltamos mais competentes, mais habilidosos, mais inteligentes, mais harmônicos. Retomando a analogia com o sono profundo, quando dormimos profundamente trabalhamos muito melhor, com muito maior competência no dia seguinte.

CONCLUSÃO

Sei que, para a maioria das pessoas, não é fácil digerir as coisas ditas aqui. Provavelmente fiquei ainda mais impopular perante várias delas. O tema LIBERDADE é muito delicado. Até mesmo o Sr. Gurdjieff tratou-o com muito cuidado.

Por isso, pedi autorização para *Your Highness*, Sua Alteza, para discorrer sobre ele. É um assunto que precisa ser encarado com a coragem de quem, de fato, se interessa pela VERDADE!



Deserto de Atacama, Chile. Foto de Edgardo Kondratiuk



Maât, deusa da Verdade e da Justiça. Imagem da mitologia egípcia

Taurio Ráful

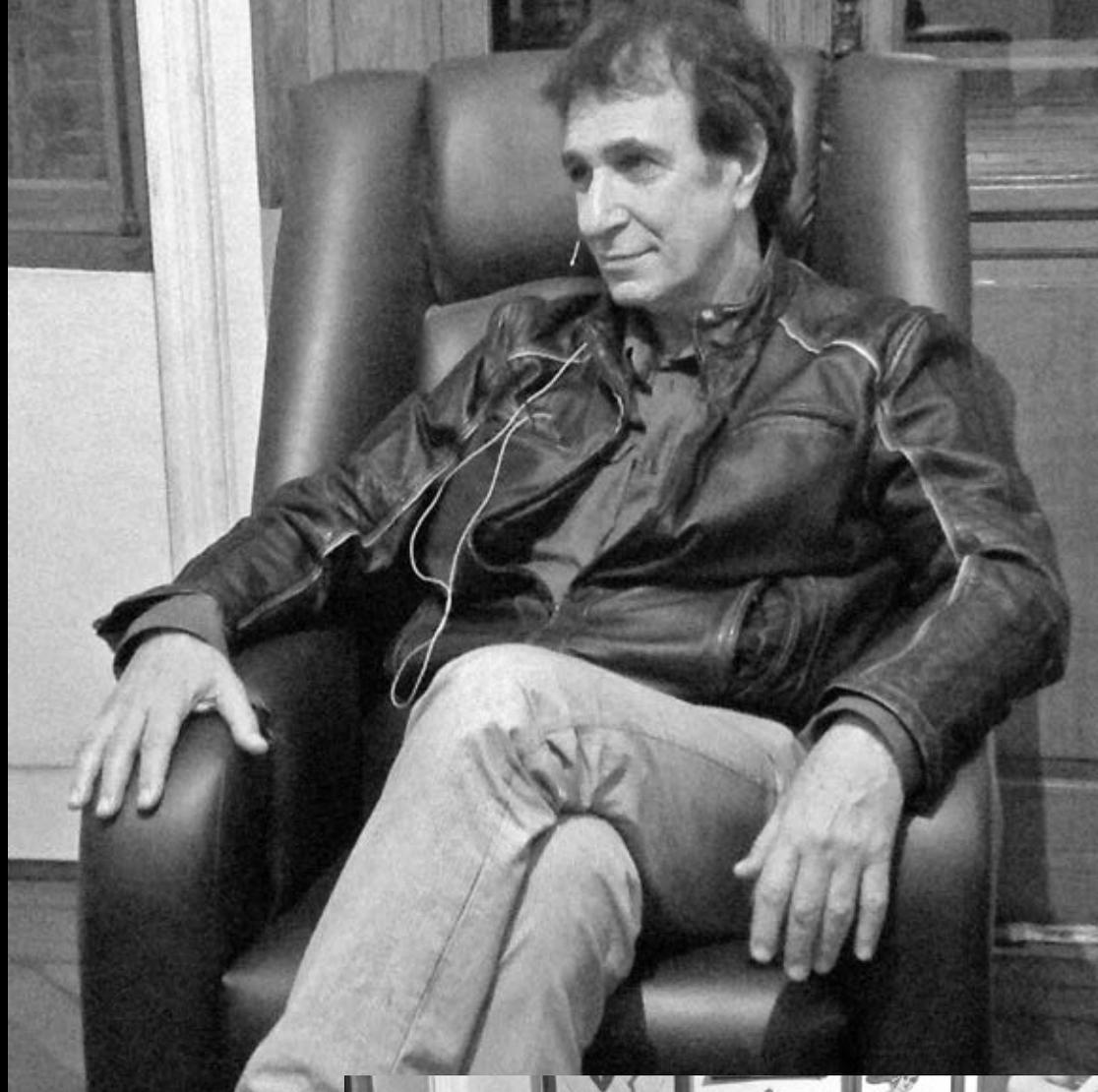


ENTREVISTA

DIÁLOGOS COM UM HOMEM DE ATENÇÃO

RELACIONAMENTOS





REVISTA SER: Com relação ao tema proposto para esta entrevista, antes de entrarmos nas perguntas mais específicas, gostaríamos que você falasse sobre o que acontece com o ser humano desde a hora em que vem para este mundo.

LAURO RAFUL: Podemos dizer que o ser humano é, basicamente, um ser de relacionamento. Ele já começa a se relacionar ainda dentro do útero materno, pois vai sofrer as simpatias e agressões que partem da própria mãe e do meio ambiente antes mesmo de ter sido dado à luz. Sendo assim, ele já nasce com certa marca. Depois, vai recebendo impressões vindas de todos que o circundam naquele momento. Recebe a positividade ou negatividade da mãe, as emoções pelas quais ela passa, as coisas boas e as difíceis. Portanto, o ser humano, desde que entrou no útero materno, vai sofrendo impressões do mundo, que vão se depositando nele e se tornando independentes dele. É claro que, além disso, ele já nasce com um tipo astrológico, que vai dar certa coesão a tudo que vai sendo guardado dentro dele ao longo dos anos. Assim, os mesmos tipos de impressões recebidas neste mundo vão afetar de forma diversa as diferentes pessoas, dependendo do tipo astrológico de cada uma. Mais tarde, durante a vida adulta, temos de trabalhar esse material recebido em nossa infância.

RS: As primeiras impressões da infância são determinantes. Eu me lembro de como os primeiros relacionamentos com meu pai e meu irmão ficaram marcados em mim. Depois vieram os vizinhos, a escola, etc. Todas as minhas relações afetivas deixaram marcas em mim.

LR: Desde cedo vamos ficando marcados com coisas positivas e negativas. Se falarem: “Esta menina canta muito bem” ou “Este menino é muito simpático”, isso vai deixar um tipo de impressão na criança. Se disserem: “Este menino é feio” ou “Esta menina é desastrada”, as impressões serão outras. No futuro, essas marcas vão influenciar tremendamente o desempenho desses seres humanos no mundo. Positivas ou negativas, vão ter uma grande influência em nossa vida, podendo nos auxiliar ou prejudicar.

Mas na idade adulta, todo esse material pode ser trabalhado. Para isso, temos de ir para uma região que existe antes do nosso nascimento. Apesar de, para muitos, ser

difícil conceber a ideia de que há algo que antecede o nosso nascimento, temos de nos abrir a esta afirmação: “Somos antes do nascimento”. O próprio zen-budismo tem um *koan* que diz: “Qual é seu rosto antes de você nascer?” Ele indica que existe um ser antes do nascimento. A palavra *koan*, em japonês, designa uma afirmação ou uma questão que contém aspectos não acessíveis à razão. Esse que acabamos de citar deixa todo mundo particularmente embaçado. Não temos resposta racional para ele.

No entanto, temos de nos conscientizar de que existe algo sem forma, anterior ao nosso nascimento, para podermos visitar essa região que nos antecede. Na idade adulta, quando aparece outra possibilidade de consciência em nós, podemos rever todo o aperto que as impressões da nossa infância nos causou. Afinal, tudo é mais complicado quando somos crianças, não é mesmo? Uma ladeira nos parece o monte Everest; um homem, considerado alto para a criança, pode ter apenas 1,55 m e assim por diante. A nossa percepção infantil é distorcida. Por isso, mais tarde, temos de rever as impressões que afetaram de alguma forma o nosso ser sem que tivéssemos consciência. E essa revisão só pode ser feita de forma frutífera se formos para a região que precede o nosso nascimento.

RS: Desde que nascemos somos cercados por relacionamentos que não escolhemos: alguns são favoráveis, marcados pela simpatia, outros são restritivos. Muitas vezes, principalmente no campo do trabalho profissional, somos obrigados a nos relacionar com pessoas cuja convivência é extremamente penosa para nós. Poderíamos concluir que esses relacionamentos indesejáveis, que surgem sem que tenhamos nenhuma possibilidade de escolha, são uma oportunidade para nos aperfeiçoarmos?

LR: Sem dúvida, a vida não é feita só de coisas agradáveis; é também permeada de coisas desagradáveis. Neste mundo, temos de conviver com os dois lados e é nessa convivência que vamos moldando o nosso ser. Se, por exemplo, o outro é rápido e eu sou lento, não posso ficar criticando o outro por ser rápido. Tenho de me moldar a essa situação. Tem de haver uma adaptação do meu ser a ela e com isso eu cresço. Não posso ficar só em uma forma que corresponde ao meu tipo e à minha educação.



A Madona dos Rochedos. Detalhe da pintura de Leonardo da Vinci

As pessoas são diferentes: algumas pegam as coisas rapidamente, outras não. Então, podemos dizer que, neste mundo, "adaptação" é o nome do jogo. O ser humano é adaptável. O Sr. Gurdjieff, nos livros de sua autoria *Encontros com Homens Notáveis* e *Relatos de Belzebu a seu Neto*, está constantemente se adaptando às situações que vão surgindo ao longo das histórias que narra. Ele está sempre lidando com um mundo que não é dele.



O fogo das emoções negativas consome nossa possibilidade de florescimento através dos relacionamentos. Ilustração de William Blake, Milton, c.1804-1808

Este mundo não é nosso! Não podemos ficar sempre da mesma forma. Precisamos nos adaptar a cada momento, a cada pessoa com quem nos relacionamos. É evidente que temos de fugir de algumas situações. Não podemos passar a vida inteira presos a situações que nos aprisionam. Não podemos dizer: "Ah, isso vai ser sempre assim,

porque estava escrito que assim seria". Não podemos, por exemplo, viver a vida inteira com um vampiro que nos suga o tempo todo. Temos de limitar o tempo em que somos obrigados a conviver com ele, temos de abreviá-lo o máximo possível.

RS: A questão da adaptação é muito importante entre casais. É possível que em determinado momento haja entendimento mútuo no relacionamento homem e mulher? Em caso positivo, o que é necessário para que isso aconteça?

LR: É claro que temos sempre de procurar o entendimento mútuo. Namoro e casamento são apenas a primeira etapa do relacionamento entre casais. Por mais que tenhamos ido bem até a lua de mel, nem tudo está resolvido. Pouco tempo depois, em geral por volta dos seis meses de vida em comum, a primeira crise já apareceu. Aí então, a condição básica para um bom entendimento é a boa vontade mútua. Os relacionamentos entre casais são proveitosos às partes quando há uma grande dose de boa vontade. E boa vontade não é algo tão simples como pode parecer à primeira vista, pois implica uma grande qualidade de ser, uma qualidade que está dentro de cada um de nós.

Sabemos que, quando temos um trabalho a fazer e o fazemos de boa vontade, aquele serviço acontece de forma fluida, sem entraves. Quando a pessoa fica "enroscando", por assim dizer, é porque não está a fim de resolver aquela situação. A condição básica para o relacionamento amoroso é cada um estar a fim do outro.

Homem e mulher são seres muito diversos, devido principalmente às nossas necessidades biológicas, que nem sempre são coincidentes. Na nossa parte terrestre, animal, temos necessidades divergentes, mas na profundidade do nosso ser somos semelhantes. Pode-se dizer que, depois de atravessarmos a zona de turbulência, de nos alçarmos acima da esfera terrestre, somos semelhantes; talvez, nesse ponto, já nem haja divisão sexual, mas enquanto seres biológicos somos muito desiguais.

No entanto, o mundo moderno está equalizando homens e mulheres, por exercerem funções que nem sempre estão de acordo com sua natureza básica. Em geral, as mulheres estão ficando mais masculinizadas e os



homens mais afeminados. A mulher engravidada, tem de criar os filhos e ao mesmo tempo tem de trabalhar fora do ambiente doméstico. E é muito exigida nessa função. Ela não consegue mais ter o devido resguardo durante o período de gestação e a criança sente toda a pressão a que a mãe é submetida no ambiente de trabalho. Em termos de maternidade, a vida moderna piorou muito a condição da mulher.

É necessário que o homem compreenda essa situação e que ambos fiquem abertos à questão da boa vontade.

RS: Quando somos crianças e adolescentes, existe ainda uma abertura para recebermos influências. Mas constatamos que após os 21 anos nossa capacidade de receber coisas novas vai extinguindo-se e passamos a viver em nosso mundo particular, fechados ao que é novo.

LR: Isso dificulta muito a relação entre pessoas. Devíamos estar sempre novos em nossas ligações, constantemente nos renovando enquanto homens e mulheres, enquanto patrões e empregados, enquanto pais e filhos e assim por diante. O problema é que estabelecemos relações imbuídos dos conceitos que absorvemos durante a vida. Assim, se sou religioso, vou me relacionar com o mundo levando sempre comigo uma bagagem de ideias preconcebidas, impostas por minha religião.

No entanto, gostaríamos de ter relacionamentos em que pudéssemos usufruir de liberdade. Isso não significa fazer só o que queremos, significa principalmente saber escutar o outro. Existem conceitos que nos impedem de ter liberdade, que nos impossibilitam de escutar o outro, porque tudo o que o outro nos diz passa pelo nosso crivo e, por conseguinte, é mal compreendido. Devíamos estar sempre límpidos diante do outro, para podermos ouvi-lo com a necessária isenção.

RS: Depois de certo tempo de convívio diário, as pessoas começam a virar um utilitário. Como evitar isso?

LR: Não é fácil evitar o utilitarismo, porque deixamos de enxergar tudo o que nos é habitual. Teríamos de ter um novo olhar para as coisas comuns à nossa volta. Para isso, é preciso buscar dentro de nós mesmos uma zona que está sempre nova, sempre fresca, sem ideias preconcebidas. Vale a pena dirigir-se às pessoas que estão

sempre ao nosso lado com um olhar novo, e não através de conceitos e emoções. Mas sabemos que em geral isso não acontece, porque o habitual permanece velho diante dos nossos olhos.

Não nos lembramos de que podemos perder as pessoas. Quantas vezes vemos casos de pessoas que se lamentam porque não usufruíram da presença de alguém que partiu. É difícil desenvolver um novo olhar. Em geral, ficamos batendo sempre na mesma tecla. As brigas de pai e mãe com os filhos, com frequência, acontecem sem nenhuma razão, simplesmente porque ficamos “pisando no calo” uns dos outros. Teríamos de lembrar que aquela forma é momentânea; não nos damos conta de que aquele ser vai ter um tempo limitado no planeta, que pode partir a qualquer momento. Se nos lembrarmos da morte, isso pode mudar tudo.

Talvez no relacionamento homem-mulher isso não seja possível. Sabemos que todo ser humano gosta de novidade. Isso é válido para homens e mulheres. Gostamos de formas novas e isso é muito compreensível, nos encantamos com elas. Não desejamos um carro zero, um apartamento novo, novos objetos? No *Jornal Folha de S.Paulo*, há um quadrinho do Caco Galhardo sobre um casal, Júlio e Gina, em que ela está sempre jogando um tamanco nele. Na relação, ela está sempre querendo uma coisa e ele outra. É bem interessante essa tira, porque ilustra bem as diferenças entre os desejos do homem e da mulher, e a questão do envelhecimento do que é habitual.

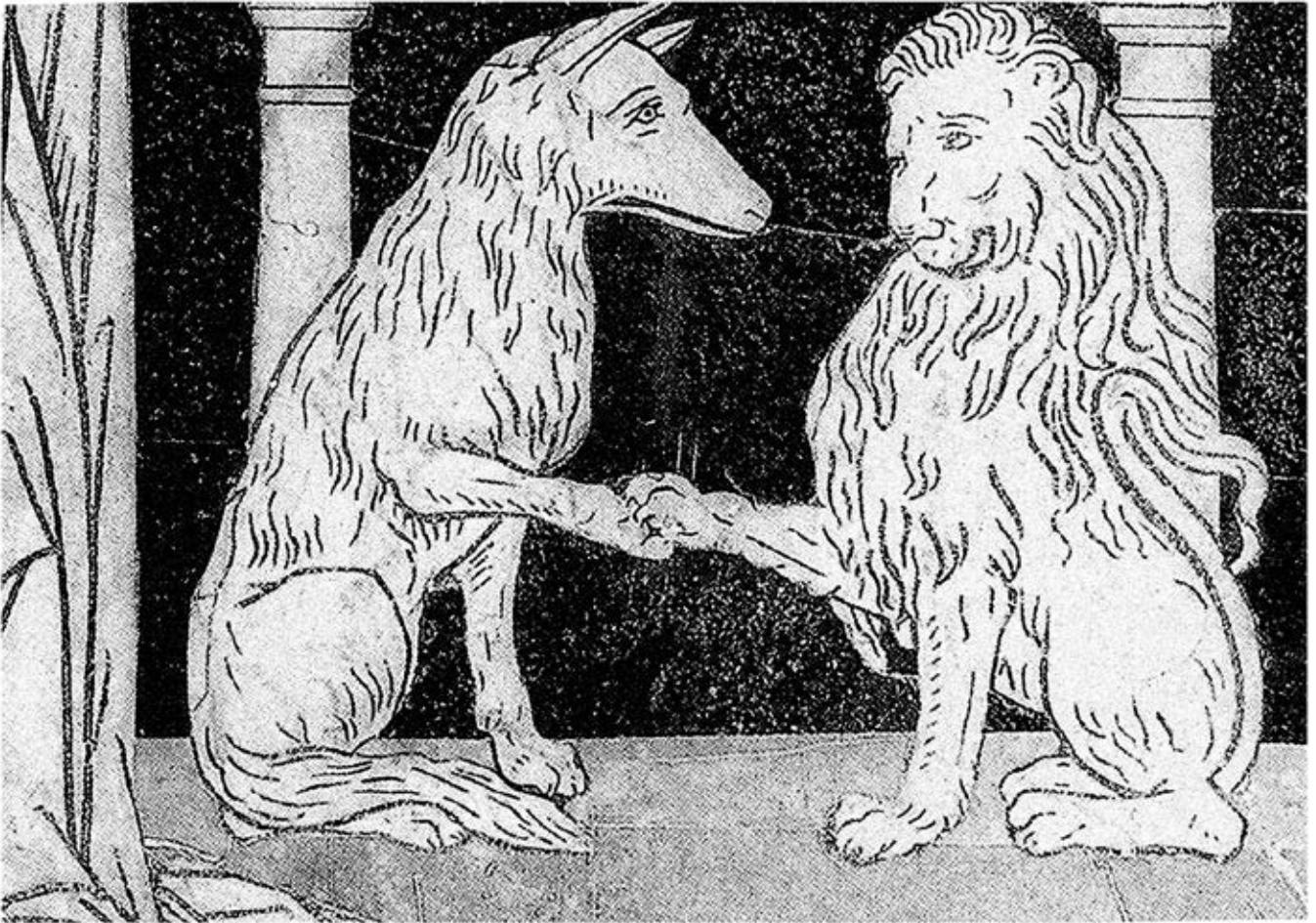
Para encararmos com eficiência os problemas oriundos da convivência diária, temos de desenvolver a boa vontade, conforme falamos anteriormente.

RS: Como você disse, estamos sempre procurando formas novas, por isso, estamos sempre querendo impor novas maneiras de ser ao nosso companheiro (a).

LR: Isso que você está dizendo me sugere uma coisa interessante. Afinal, o que buscamos na relação homem-mulher? No fundo, gostaríamos que o outro estivesse avançando em compreensão, que largasse suas formas antigas de ser. Não precisamos repetir sempre os mesmos hábitos. Podemos mudar, apresentando uma forma diferente



A união do masculino e do feminino simboliza a união do Céu com a Terra. Imagem da tradição tântrica



Quando nos relacionamos a partir de nosso SER DIVINO todas as diferenças podem ser solucionadas sem confronto. Alegoria do cachorro e do leão.
Detalhe do pavimento da Catedral de Siena, atribuído a Benvenuto di Giovanni, 1752

no contato com nossos parceiros. Há pouco falamos em novidade quanto à forma física, mas podemos mudar nossa forma interna, nos tornarmos novos para o outro.

RS: Enquanto pais, somos muito repetitivos. Ficamos chatos, dizemos sempre as mesmas coisas para os nossos filhos: "Não bata a porta da geladeira"... (risos)

LR: Quando você percebe que está sendo repetitivo, entediante, algo já começa a mudar. Para enobrecer os nossos relacionamentos, a primeira coisa a fazer é nos darmos conta de que somos chatos, ou raivosos, ou ciumentos, etc. Temos de nos enxergar! A autopercepção é um dos pontos fundamentais para melhorar as nossas relações. Se não percebo que sou agressivo, por exemplo, nada pode mudar. Se entro em um ambiente e vejo que

todo mundo foge de mim, se me dou conta de que sou maçante, posso ficar menos chato.

Temos de mudar o nosso padrão emocional, mas, para isso, precisamos desenvolver primeiro a autopercepção e depois, a autocrítica. Só assim poderemos ser mais verdadeiros em nossos relacionamentos.

SER - É verdade que, em todo relacionamento amoroso, há sempre um que gosta mais do que o outro?

LR: Não obrigatoriamente. Pode acontecer de alguém não gostar muito do parceiro, mas não ter opção e resolver ficar com aquela pessoa. Isto acontece com certa frequência: um está sempre muito disponível ao outro, enquanto a recíproca não é verdadeira. Mas há relacionamentos em

que os dois gostam um do outro. É claro que o ideal de toda relação é que seja frutífera para as duas partes, que ambas se apoiem, se completem, se apreciem em todos os centros que compõem o ser humano, ou seja, no mental, no emocional, no sexual, no motor e no físico. Essa seria a situação ideal.

RS: Em geral, os relacionamentos no campo do trabalho profissional são muito complicados, conflituosos e, no entanto, passamos a maior parte do dia com essas pessoas. Você poderia falar um pouco sobre como lidar melhor com essa situação?

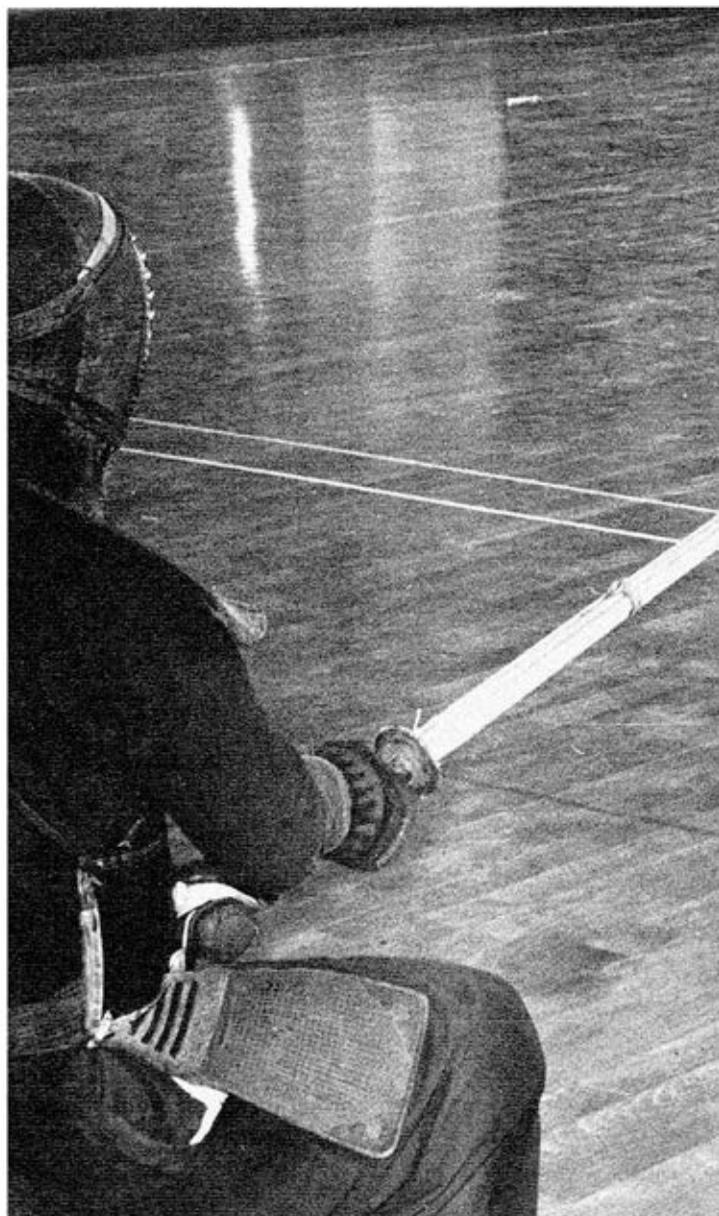
LR: Essa é a mesma situação que acabamos de aventar em relação à vida amorosa: "Sou obrigado a enfrentar as feras com quem trabalho, porque não tenho escolha". Mas o ideal em nossa vida é tentar não manter por muito tempo uma situação difícil, penosa, procurando encontrar um ambiente mais favorável, onde nos sintamos melhor. Não temos de ficar a vida inteira trabalhando em um ambiente desfavorável, que nos oprima. Devemos tomar sempre os relacionamentos complicados como provisórios. Há momentos em que não temos escolha, mas podemos visar relacionamentos mais prazerosos. É essa a fórmula.

Outro ponto importante é tentar mudar o ambiente através de atitudes simpáticas em relação aos colegas de trabalho. É importante ser adaptável, de boa vontade, como falamos há pouco. Uma pessoa que se percebe não vai provocar arrepios de ódio nos outros, não é mesmo? Existe gente cuja simples presença provoca reações negativas ao redor.

Mesmo tendo uma boa atitude diante do outro, muitas vezes, não existe resposta positiva da outra parte. Nesse caso, o melhor é ficar nesse ambiente provisoriamente, enquanto tenta encontrar trabalho em lugar mais digno, menos desgastante.

RS: As causas que podem envenenar qualquer relacionamento profissional são ciúme, inveja e competição. Muitas vezes, estamos fazendo aquilo de que gostamos, mas a competição é tão acirrada, o clima de intolerância tão grande, que a vida de todo mundo vira um inferno.

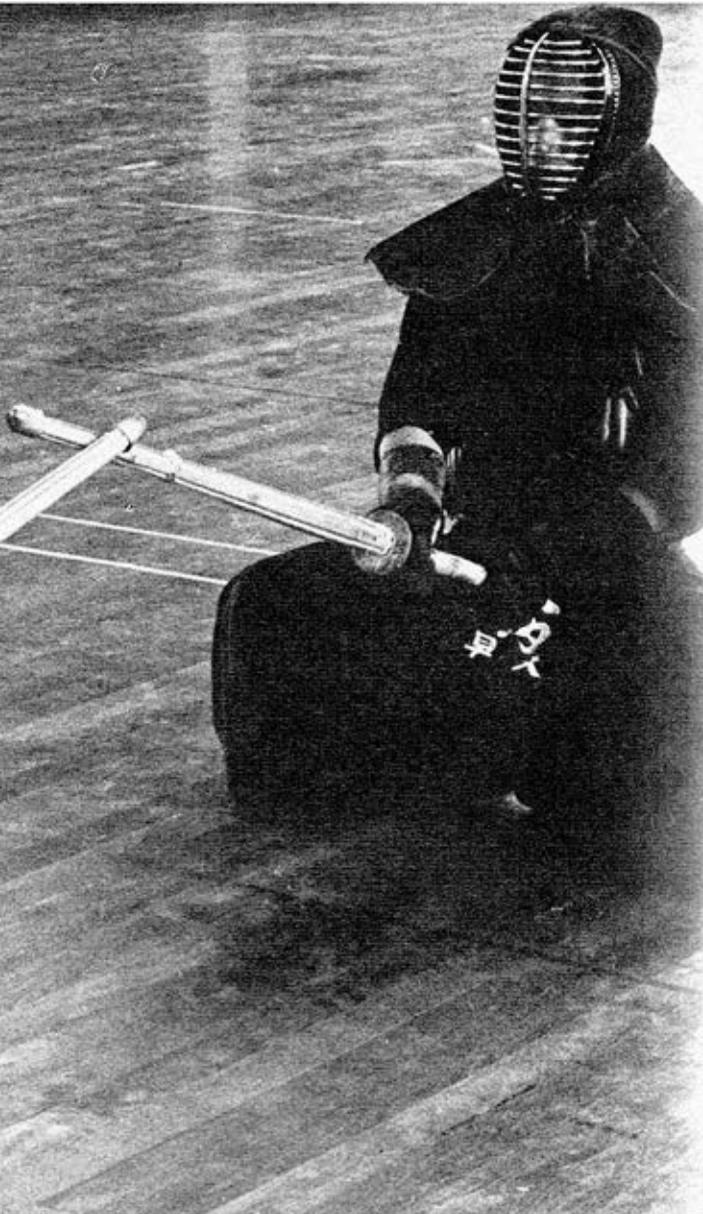
LR: Na realidade, você está descrevendo o mundo animal. Quando assistimos a um filme que mostra o funciona-



A competição nos relacionamentos profissionais torna a nossa sobrevivência uma verdadeira batalha.

mento desse mundo, vemos que entre os animais existe competição, ciúme, raiva, ódio. Enquanto o ser humano vivenciar apenas sua parte animal, ou seja, viver apenas para comer, beber, dormir e fazer sexo, o ciúme, a inveja e a raiva estarão presentes.

No campo profissional, basta alguém se destacar um pouco para os outros quererem colocá-lo para trás. No mundo animal as coisas acontecem exatamente



dessa maneira: se o macaco tem o seu harém, há sempre outros querendo brigar pelas fêmeas. Assisti a um programa em que o macaco matava outros menores para comer a carne deles e também para alimentar a fêmea. Em troca da comida, ele queria que ela fizesse sexo com ele. Pelo visto, a prostituição começou assim, disseram no programa. Os machos que não conseguiam agradar às fêmeas ficavam sem sexo. Segundo esse programa, noventa por cento dos leões marinhos não mantêm relações sexuais, porque os restantes dez por

cento não permitem que eles se aproximem das fêmeas, batendo neles.

Acontece algo semelhante entre os humanos. Quando os mais aptos se distinguem em qualquer situação, provocam raiva e inveja entre os que não chegaram lá. É preciso aprender a lidar com tudo isso. Temos de desenvolver a habilidade necessária para lidar com essas características do ser humano. No ambiente de trabalho, o ideal é passar despercebido, senão alguém vai tentar derrubá-lo.

RS: A tecnologia avançada teria agravado os problemas de relacionamento entre as pessoas?

LR: Agravou, sim, porque o ser humano agora vive em um mundo virtual. Até os relacionamentos amorosos estão se tornando virtuais. Os encontros são marcados via Internet. Não existe mais o encontro amoroso através da dança. Nas baladas e nas raves, um não consegue mais conversar com o outro. Beijam-se e pronto. É tudo muito superficial.

Podemos dizer que a tecnologia avançada fez piorar as condições para o relacionamento humano, porque eliminou o contato físico entre as pessoas. Elas estão mais solitárias, passam horas diante do computador, relacionando-se através dele. Não há a presença de parceiros para se criar uma atmosfera calorosa. As redes sociais trazem outras possibilidades, mas prejudicam a troca viva entre as pessoas.

RS: Já percebi que os relacionamentos virtuais nos esvaziam, somos drenados em nossa energia.

LR: Exatamente, a tela do computador e da TV puxam a nossa energia; a drenagem energética é muito grande. É claro que há enormes vantagens na tecnologia moderna, não estamos negando isso, estamos só falando das desvantagens em termos de relacionamento.

Na verdade, o ser humano pode servir-se das redes sociais com inteligência, utilizando os benefícios delas para atender às suas necessidades. Por exemplo, um homem tímido, que tem dificuldade de se aproximar das mulheres, pode usar a rede social para facilitar os

primeiros contatos, mas depois terá de vencer a timidez e estabelecer uma interação direta.

O ser humano pode usar as ferramentas que a tecnologia moderna oferece para o seu crescimento pessoal, cuidando para não ficar adormecido ou dependente delas. Algumas pessoas ficam tão ligadas no celular que não olham mais por onde andam. Celulares, iPads e computadores viraram deuses! É como se fizessem parte de um grande mental, que nos afasta da sensibilidade, dos relacionamentos finos entre os seres humanos. Um grande mental que quer dominar os seres humanos, prometendo felicidade virtual.

RS: As redes sociais permitem a comunicação instantânea entre as pessoas, mas fica faltando um elo mais humano, como se a falta da relação pessoal fizesse morrer algo muito importante nas relações. É por isso que a comunicação em massa quase sempre acaba por fazer eclodir a violência?

LR: É claro que onde há multidão existe sempre o risco de se descambar para a violência. Por outro lado, as redes sociais trazem a possibilidade da comunicação instantânea, reunindo pessoas que têm algo a dizer. É o que está acontecendo no mundo neste momento, inclusive aqui no Brasil, onde, na verdade, está-se clamando por um reajuste da democracia, por maior representatividade.

Há não muito tempo, na época da derrubada do Collor, o Lindenberg Farias levou quinze dias para arregimentar as pessoas que pediram o *impeachment* do ex-presidente. Hoje se pode reunir pessoas em questão de minutos. A comunicação instantânea através da Internet é uma das vantagens da tecnologia moderna. Mas precisamos dosar

nossa participação nesses meios de comunicação. Não podemos ficar grudados em máquinas o tempo todo.

RS: É possível manter relacionamentos justos e gratificantes com pessoas que não têm nenhuma forma de trabalho interior?

LR: Sim, sem dúvida. Se compreendermos a essência do ser humano, se levarmos em conta que todos têm seu lado animal, que ciúme, raiva, medo e inveja fazem parte desse lado, e de que toda dificuldade nos relacionamentos vem desse fato, poderemos nos relacionar bem com qualquer pessoa.



Para isso, temos de perceber que aquela pessoa, que não está trabalhando sobre si mesma, que é complicada, que nos está atormentando, é vítima de "si mesma", porque é incapaz de se enxergar. Quando percebe a si mesma, a pessoa começa a se transformar.

Há pessoas que, embora adormecidas em relação ao seu mundo interior, são de convívio agradável.

Podemos estabelecer boa convivência com elas. Por outro lado, há pessoas com quem é difícil entender-se.

Nesse caso, temos de dosar o tempo de exposição a elas, da mesma forma que regulamos a dose de exposição a raios-X, evitando que ultrapasse o tempo necessário.

RS: Em tese, quem se trabalha interiormente, tem certa obrigação de compreender os limites do outro, não é?

LR: Temos de compreender as dificuldades do outro. Para isso, precisamos lembrar-nos de que todos temos um lado mais profundo, por assim dizer, totalmente diferente de nossa faceta mesquinha do dia a dia. Temos um lado universal, uma consciência ampla que deve ser acessada.



A contemplação da natureza nos ensina a arte dos relacionamentos. Deserto de Atacama, Chile. Foto de Edgardo Kondratiuk

Só pode haver mudança positiva nos relacionamentos do ser humano quando houver aumento de consciência.

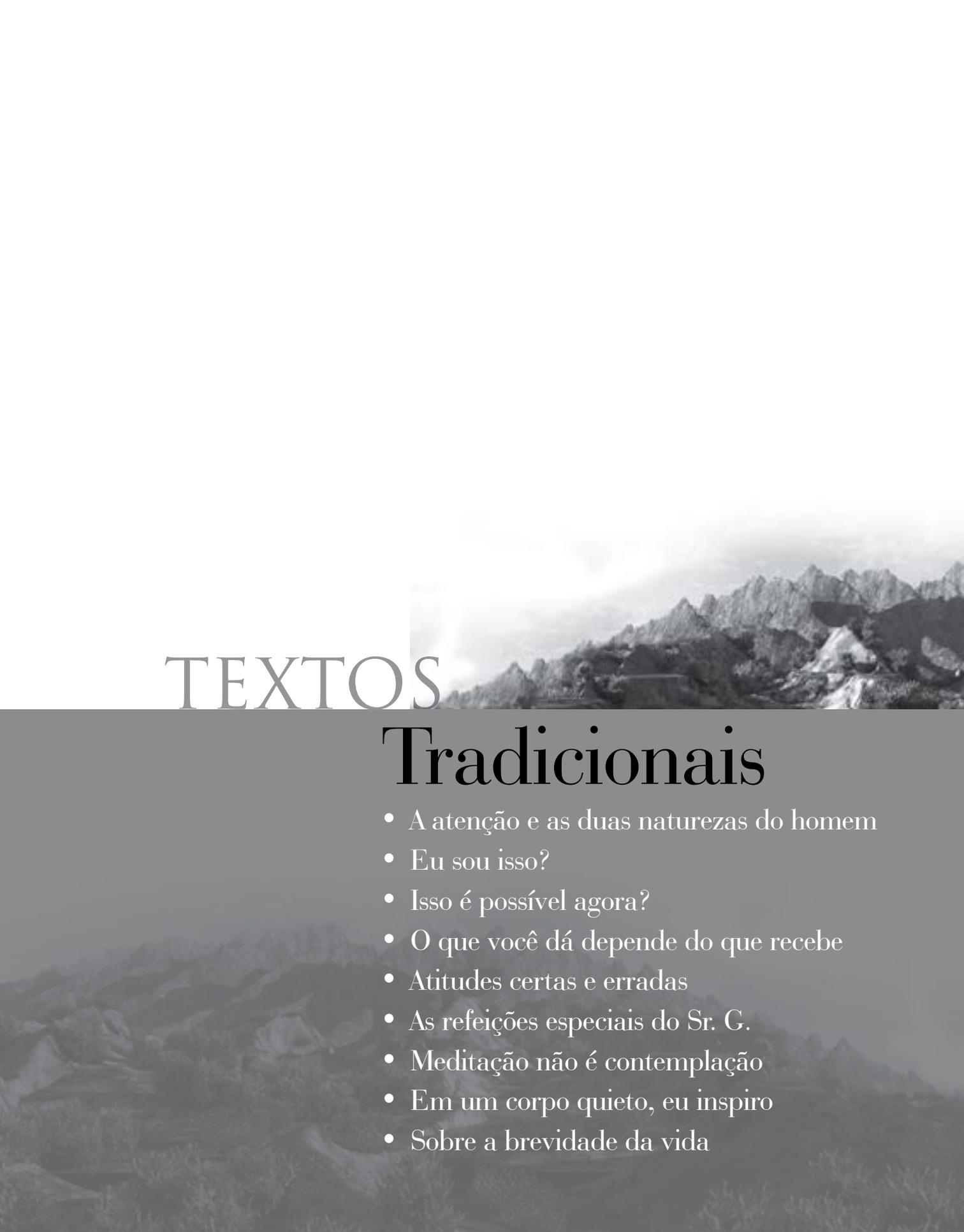
Hoje, nossa consciência é prisioneira de formas, conceitos e emoções. Temos de universalizá-la. Sem ampliação da consciência, as soluções para os relacionamentos humanos serão limitadas. Temos de temperar nosso lado animal com nosso aspecto mais profundo, pois isso nos permitirá ajudar os outros de forma silenciosa. Os grandes homens que trouxeram mais qualidade para este mundo buscaram a universalidade da consciência.

Vou falar de novo desses movimentos que estão acontecendo aqui no Brasil neste momento: vemos que há uma explosão de descontentamento, embora as pessoas não saibam exatamente o que querem. Da mesma forma,

quando há uma insatisfação dentro de nós, temos de buscar uma consciência mais universal, maior do que o fato em que ela está focada, para depois ater-se àquele problema em particular. Temos de buscar o grande para depois focalizar o fato presente.

Universalizar significa sair do particular. A partir daí podemos saber exatamente qual a melhor maneira de agir em cada caso, em cada momento. Em geral, achamos que barulho é o que os outros fazem. Se, no entanto, ao ampliar minha consciência, passo a perceber que também sou barulhento, começo a mudar todos os meus relacionamentos.

Para concluir, podemos dizer que basicamente é isto: o crescimento da consciência é a resposta certa para o problema dos relacionamentos.



TEXTOS

Tradicionais

- A atenção e as duas naturezas do homem
- Eu sou isso?
- Isso é possível agora?
- O que você dá depende do que recebe
- Atitudes certas e erradas
- As refeições especiais do Sr. G.
- Meditação não é contemplação
- Em um corpo quieto, eu inspiro
- Sobre a brevidade da vida

A ATENÇÃO E AS DUAS NATUREZAS DO HOMEM

Michel Conge¹

Não tenho a intenção de dar aqui uma palestra formal, mas sim de examinar de perto algumas ideias que fazem parte do ensinamento de Gurdjieff. Sendo assim, vou falar especialmente aos que têm buscado durante anos ou pelo menos por vários meses e, tendo-se familiarizado com essas ideias, sentem a sua verdade. Por exemplo, se eu falar sobre liberdade ou liberação, é óbvio que esses conceitos não farão o menor sentido para a pessoa que não enxerga a própria situação, que pensa ser livre, consciente, ter vontade própria e poder fazer o que quiser na vida.

Apenas a pessoa a quem a vida mostrou seu estado de dependência e que compreendeu que as coisas são feitas por intermédio dela – e não por ela – pode realmente desejar ser livre e atingir a consciência.

Esse ensinamento inclui ideias muito desagradáveis de ouvir, por exemplo, que somos mecânicos. É uma pí-lula amarga para nosso amor-próprio, embora isso seja verdadeiro. Por outro lado, é relativamente fácil aceitar as seguintes ideias: nosso ser pode ser comparado a uma casa de quatro andares, mas ocupamos somente o porão dela; um lugar escuro onde ficamos prisioneiros,

quando há coisas muito importantes nos outros andares. No começo, pode-se pensar que há algo de deprimente nessa ideia. No entanto, se estou disposto a olhar para minha vida e todos os fracassos que experimentei, posso reconhecer que essa perspectiva explica muitas coisas, e no final, nos dá uma grande esperança: dou-me conta de que, se eu puder ocupar todos os cômodos da minha casa, minha vida poderá mudar. Do mesmo modo, quando nos dizem “Eu não sou o que sou”, existe nisso um convite para a totalidade que me dá coragem.

O meu desejo esta noite é podermos sentir que, para começar um trabalho verdadeiro sobre si mesmo, é preciso ter uma visão ampla da natureza humana.

Se eu falar de liberação, logo se levantarão questões sobre o “porquê” da minha escravidão e “como” alcançar a liberação.

Para ajudar-nos a ter uma visão ampla, todos os ensinamentos oferecem a ideia de escada, embora não seja facilmente reconhecível nos textos antigos, que em geral estão incompletos ou foram distorcidos pelos copistas. A constituição dos seres humanos não é plana, mas se apresenta em níveis, em andares. O homem não corresponde a um único nível do universo, mas a muitos. Algumas vezes é dito neste ensinamento que um ser humano verdadeiro, desenvolvido, completo, tem a cabeça no nível das estrelas e os pés na terra. Isso sugere não apenas um símbolo, mas uma verdadeira escada, indicando um caminho íngreme, direto.

Precisamos compreender que as duas naturezas do homem estão gravadas nessa escada: na parte superior, a natureza mais elevada; na inferior, a natureza comum, aquela em que vivemos o tempo todo e na qual o centro de gravidade de nossa existência inteira ainda está por ser encontrado.

Entre os dois níveis, há um intervalo, uma fenda intransponível. Muitos textos antigos falam desse intervalo como, por exemplo, no Velho Testamento, a luta entre Jacó e o Anjo, que se dá precisamente no meio de um rio, em um trecho raso. Vale a pena considerar todos os elementos da história: na margem mais alta, o irmão mais

velho, e na margem mais baixa, o irmão mais novo que chega com toda a família, seus rebanhos, sua riqueza, e que se aproxima com medo. E a luta, em que uma nova força aparece na forma de um Anjo, um mensageiro de Deus – a terceira força.

Consciência e vontade, realidades preexistentes, pertencem à natureza superior. Todas as manifestações ilusórias – mentira, imaginação, mecanicidade – correspondem à natureza inferior, que recebe apenas obscuros raios de consciência filtrados através do intervalo.

Encontramos nos Evangelhos, na parábola do Cristo no poço em que a mulher samaritana vem tirar água, essa ideia de que a fonte da vida reside na natureza profunda. Intervalo, poço, curso do rio – são imagens simbólicas que nos fazem compreender que a água da vida deve ser procurada além do lugar onde esperamos encontrá-la.

Ao preparar esta palestra, lembrei-me de uma história zen proveniente da China antiga, que vale a pena ser contada porque é muito simples e clara. Um discípulo veio até seu mestre com a seguinte solicitação: “Eu gostaria de entender a natureza humana”. A resposta do mestre foi para ele pegar uma pá, cortar uma minhoca em duas partes com um só golpe, e apontar para as partes, tentando em vão reuni-las.

É exatamente este o nosso problema: como juntar as duas naturezas que constituem o nosso ser?

Para conseguirmos isso, precisamos de fato ter acesso ao conhecimento daqueles que através dos séculos tornaram-se conscientes, que obtiveram essa união e procuraram transmitir todo seu conhecimento verdadeiro – conhecimento esse que não pertence ao nível da vida comum e que não pode ser encontrado em universidades.

Esse conhecimento nos diz que a natureza superior busca unir-se com a inferior. Mas do jeito como nos

encontramos hoje, a natureza superior não pode mais ser encarnada em nós, devido ao intervalo intransponível. A natureza inferior também tenta unir-se com a superior, mas, no fim, fica perdida em tentativas que, de maneira cega, giram em círculos.

Nenhuma natureza está apta a unir-se à outra, porque um elemento de conexão de uma densidade intermediária, de vitalidade ou qualidade de vibração está faltando entre elas*.

Quando chegamos a este ponto, se não recebermos ajuda do conhecimento objetivo e de todos os dados práticos e teóricos oferecidos por uma instrução, estamos perdidos. Para resolver este problema, precisamos acessar uma ciência, a ciência do ser, e temos de pedir e saber como pedir essa ciência.

De fato, fazendo por conta própria, podemos tentar resolver o problema intelectualmente. Mas, mesmo se apelarmos para a nossa mais alta qualidade de inteligência de pensamento, não conseguiremos encontrar o caminho para a união, embora o pensamento seja um instrumento que deva, eventualmente, ser útil. Ou podemos recorrer ao nosso sentimento, mas será apenas mais um fracasso. O mesmo acontecerá se acreditarmos descobrir a chave do problema no corpo, no instinto. As funções são instrumentos, mas o segredo deve ser encontrado em uma qualidade completamente diferente. Essa qualidade é a atenção, essa substância viva tão pobremente e tão pouco compreendida, embora cada um de nós tenha acesso a ela. Posso estar sempre atento.

E a ideia fundamental é: Eu sou a atenção. Onde estiver minha atenção, estarei lá. Se a atenção for fraca, sou fraco, se é mecânica, sou mecânico, se é livre, sou livre.

É claro que alguém deve também estar apto a dizer “Eu sou consciência”; mas isso não é verdadeiro para mim hoje. Só será verdadeiro quando minhas duas naturezas

*Uma nota intercalada por ele mesmo nesse ponto do texto diz: “Esclarecer a noção de objetivo e a ideia de ressonância ou eco da natureza superior”.

estiverem finalmente reunidas. Então a consciência viverá no meu ser inteiro, e saberei que sou consciência, e que a consciência sou Eu.

Devemos, pois, voltar à atenção e entender que, da mesma forma que sou um ser repartido em dois, a atenção em mim também está dividida em duas. Há uma atenção inacessível, escondida, superior, sobre a qual não tenho mais poder do que tenho sobre a minha consciência. Por isso, é inútil tentar o que quer que seja em relação a essa atenção que é livre, pura, desengajada, *uma*.

E há uma atenção que corresponde à minha natureza inferior, mas essa está “decaída” e fragmentada, desmembrada em correntes divergentes. Posso conhecer essa atenção –melhor do que a conheço hoje. Posso reconhecer-me nela, e agradecer por isso, encontrar a mim mesmo (lembrar-me de mim mesmo). Ela entra em minhas funções, que são seus canais “obrigatórios”. E agora começo a entender por

que é dito que o autoconhecimento é, ou começa com, o conhecimento da máquina. Essa máquina, meu corpo, minha psique, me foram dados, dessa forma posso tentar reconhecer a mim mesmo como “atenção” e essas três correntes de atenção podem reunir-se nesse nível inferior.

Tenho de entender que, nesta natureza inferior, cada corrente de atenção pode aparecer em diferentes graus de intensidade. Preciso aprender que a atenção pode manifestar-se de uma maneira errante, instável. Por exemplo, na minha função intelectual, a atenção errante deixa-a ser dragada por tudo que a atrai – palavras, imagens, memórias, e todo evento que no meu dia pode arrebatá-la, cada um do seu próprio modo. Saio à rua; as vitrines, as pessoas constantemente prendem essa atenção. Ela não tem mais estabilidade do que uma borboleta. Saia e faça uma caminhada com a intenção de pensar em seus próprios negócios. Um cachorro late para você e toma toda a sua atenção. Esse cachorro é mais forte do que você. Tão



O céu e a terra simbolizam as duas naturezas do homem. Deserto de Atacama, Chile. Foto de Edgardo Kondratiuk

mais forte do que a força desse homem que pensava que era consciente, que era dono de sua própria vontade. E o que acontece no intelecto também acontece nas funções emocional e motora.

Algumas vezes, quando surge um problema ou uma grande dificuldade, minha atenção pode ser concentrada, condensada; sua qualidade muda, requer mais força, ela é sustentada por um elemento de desejo ou interesse. Não mais errante, é capturada: um motivo particularmente forte tomou posse dela.

Há, contudo, um tipo bem diferente de atenção, uma atenção mais consciente, mais voluntária. Algumas vezes, em raras ocasiões, descubro o gosto dela.

Se isso ocorrer no meu pensamento, percebo que ele fica mais claro. Se ocorrer no meu sentimento, conheço o sentimento de estar completamente livre de minhas emoções habituais. Se se der no meu corpo, posso também experimentar de um jeito novo o que está acontecendo nesse nível.

O importante é aprender que cada um desses três degraus ou qualidades de atenção corresponde a um dos três níveis dos meus centros; porque cada centro tem três níveis:

- *um nível motor ou mecânico*
 - *um nível emocional*
 - *um nível intelectual*

E o conhecimento da correspondência entre cada gosto específico de atenção e esses três níveis é um grande segredo. Se aprendo a reconhecer e enxergar isso, o caminho para a unificação ou reunificação da atenção, torna-se aparente. Mas tenho de entender que esses três caminhos têm de ser experimentados simultaneamente. Para praticar, é bom trabalhar primeiro sobre um centro, depois sobre outro. Entretanto, no nível da minha natureza ordinária, o retorno a uma atenção reunificada só é possível quando os três centros essenciais da minha natureza inferior se unem, por assim dizer, no seu nível mais alto. Só nesse momento a atenção adquire um novo caráter: torna-se atenção verdadeiramente voluntária, atenção

consciente. Não estou dizendo que isso é consciência ou vontade, mas seu caráter consciente e voluntário ajuda-me a entender que agora existe algo que pode corresponder às propriedades da minha natureza superior.

No entanto, essa união ainda não é possível. Apesar disso, continuo a viver a minha vida e compreendo que, graças ao esforço de desembaraço, todos esses esforços no nível de cada função permitem à atenção adquirir qualidades que estavam faltando antes disso. E compreendo a razão para este nascimento no corpo e o significado da batalha para retornar à fonte.

No nível do centro intelectual, a atenção adquire um poder de visão. É como uma luz que mantém tudo no seu campo de iluminação.

No nível do centro emocional, a atenção adquire o calor que estava faltando, graças ao qual a luta pode ser sustentada por um momento sem enfraquecer.

No nível do corpo, a atenção é sustentada por um novo fenômeno, que levamos muitos anos para entender bem: a sensação de si mesmo, uma sensação que não é agradável nem desagradável. Sei que estou aqui –

- *por esta visão*
- *por este sentimento*
- *por esta sensação –*

e são esses os sinais precursores da descida da consciência e da vontade.

Mas isso ainda não é suficiente. Se é verdade que, graças à sensação, os benefícios da atenção provenientes de uma sustentação sólida que a impede de vagar, e se, devido ao novo sentimento e à claridade, a atenção pode evitar o estado de cativo, preciso ainda ficar mais inteirado com as fontes adicionais de ajuda. E vou encontrá-las na descoberta das impressões conscientes de mim mesmo.

Estou realmente dizendo impressões conscientes, intencionais de mim mesmo, que vivem no meu ser. Sei tudo sobre impressões, recebo o tempo todo, não intencio-

nalmente, impressões mecânicas do meu ambiente. Cada coisa, cada pessoa que vejo, a temperatura desta sala, toda comida que como – tudo isso causa impressões. Mas se é verdade que essas impressões permitem-me viver, e se é verdade que eu poderia morrer no instante em que deixo de recebê-las, é também verdade que aos poucos elas me destroem. Captam minha força de atenção, arrastam-me para a reação.

Qual é o sentido das impressões intencionais, quando estou consciente de mim mesmo?

Em primeiro lugar é a impressão de mim mesmo recebendo impressões mecânicas da vida, o impacto da vida, e tenho de fazer o esforço para experimentar isso com frequência. Aqui minha atenção encontra uma sustentação e desse modo não fica perdida.

Mas tenho de descobrir impressões profundas – não ainda a impressão direta, real da minha natureza superior, mas sim da parte mais alta dos centros inferiores.

E finalmente um terceiro tipo de impressão – de mim mesmo conhecendo a impressão dessa vida profunda e ao mesmo tempo recebendo as impressões mecânicas da vida.

Isso ilumina o conceito bem conhecido do BHAGAVAD GITA – o campo da ação, o conhecedor do campo, e o que conhece ao mesmo tempo o campo e o conhecedor do campo.

É exatamente a mesma coisa.

Muito mais poderia ser dito a respeito da atenção. Por exemplo, a ideia de mudança de sinais, baseada no conceito de relatividade. O nível inferior de cada centro deve ser passivo e, em relação a ele, o nível superior deve ser ativo. Isso deveria ser normal. Mas no meu modo habitual de ver, ocorre precisamente o oposto. Se voltarmos à ideia das duas naturezas, a natureza superior deve ser ativa, em posição de autoridade, e a natureza inferior deve ser passiva, em posição de serviço. Para dizer a verdade, a natureza superior permanece passiva e a agitada natureza

inferior apropria-se do papel principal, e a causa disso é que não há nada para reconciliar as duas.

O mesmo acontece em cada um dos meus centros. Mas posso compreender que enquanto tento libertar minha atenção, ela parece ser ativa (pareço ser ativo) em relação ao mecanismo que se torna passivo. Progressivamente, vejo a permuta de sinais se revelar.

Finalmente, se os níveis superiores dos centros tornam-se ativos, pode ocorrer um grande evento: essa natureza toda, agora unificada e ordenada, pode começar a servir a natureza superior. A ordem dos sinais é revertida.

Melhor ainda, à medida que liberto a mim mesmo das funções e minha atenção, carregada com novo poder, reúne-se a partir de cada uma das funções, descubro que uma nova estrutura, gradualmente, vai tomando forma, impregnada com qualidades de pensamento, sentimento e sensação que eu não conhecia antes. Essa estrutura – um novo corpo se formando, se condensando, se organizando – é o elemento intermediário que faltava anteriormente, capaz de unificar as naturezas inferior e superior.

A partir desse momento, pode-se falar em vigilância, ou seja, uma capacidade de vivenciar um esforço de tal modo que os sinais não se revertem mais – e a junção acontece verdadeiramente.

Tenho de tentar viver e levar na intimidade do meu coração tudo isso, protegendo-o contra todas as coisas que podem destruir tudo.

¹ O Dr. Michel Conge, médico francês e aluno de G. I. Gurdjieff, visitou Santiago, no Chile, em 1966. Lá, deu uma palestra para um grupo de alunos que haviam começado, recentemente, a estudar as ideias de Gurdjieff. Ele falou sobre as duas naturezas que constituem o ser do homem, e da necessidade de reuni-las. Continuou a explorar o fenômeno da atenção, que também está dividida: a atenção ordinária, que corresponde à natureza inferior, e a outra atenção, basicamente inacessível a nós como nos encontramos agora, que corresponde à natureza superior. Este texto é a tradução dos escritos em espanhol e francês dessa palestra.

EU SOU ISSO?

Michel de Salzmann

Reconhecendo que você está muito longe, pergunte: *Eu sou isso?* A questão vai ajudá-lo a encontrar o que você é – essa energia – assim, parece até infantil ficar identificado com essa coisa pequena. *Eu sou isso?*

Mesmo vendo isso em estado de pobreza, desvitalizado, uma massa informe, simplesmente veja. Não interfira. Autorrestrrição: fique dentro de você mesmo. Veja essas outras coisas voltarem – nenhuma necessidade de manifestar-se –, mas pergunte: *Eu sou isso?*



Por trás da máscara de nossa pessoa social existe o Eu Real.
A máscara de Satdjehuty. Imagem da mitologia egípcia

Temos diferentes estados:

Passivo – não há nada lá.

Observando – melhor; um tipo de estado psicológico, assistindo a um ou outro comportamento.

Olhar mais alto – o melhor; não importa o que é visto; você está mais desperto nessa energia mais fina.

O que é "o Eu"? O Eu é minha atenção. Apenas isso. Onde está minha atenção? Onde está minha atenção é onde estou, isso é meu Eu.

Quando a atenção está com essa outra energia, tudo se abre para isso. É como ver o sorriso de uma criança, ou alguém sofrendo – o coração se abre.

Quando a energia está aqui, há clareza – é como uma janela transparente. Talvez haja alguma demanda de fora. Como fogo em uma encosta. Só vou onde sou necessário, devido a essa clareza. Caso contrário, há maquinação e manipulação. Mas se pode ser lúcido. Se pode ser.

*Texto extraído do livro *Notes on The Next Attention* (Notas Sobre A Atenção Subsequente) de Fran Shaw, Ph.D., Indications Press, New York.

ISSO É POSSÍVEL AGORA?

Michel de Salzmann

Uma pergunta sobre mim mesmo traz mais sensibilidade, a qualidade aparece e fico completamente diferente. O movimento da vida fica mais vívido.

O fato de não interferir permite a transformação. Nunca podemos mudar as coisas em relação a nós mesmos, nenhum de nós pode. No entanto, em instantes, pode haver transformação.

Deixar o olhar aparecer, aparecer intensamente, quando estiver reativo, quando estiver tateando, quando estiver apenas deixando como está, e perguntar: *Agora, o que é necessário?*



A construção da Catedral de Chartres foi possível graças à Inteligência que vem de um plano superior.

Uma pergunta é a forma mais sutil de investigação. Ver minha condição humana. Estar em ambas as forças: esta energia que está lá e este corpo. Todas as perguntas vêm dessa divisão, desses níveis diferentes, a vida corriqueira e a mais alta. Todas as questões, de fato, se referem a como ir daqui para lá.

Todas as perguntas chamam a atenção. Como um assunto de vida ou morte: "Devo casar-me com ela?" Isso chama a atenção de imediato. É assim mesmo.

Para que sua pergunta seja uma questão verdadeira, é preciso acalmar a mente. Deve ser uma indagação que a mente não pode responder. Dessa forma, a mente questiona, depois recua.

Em vez de acreditar nos pensamentos, de sair do caminho, na condição acima, essa Inteligência trabalha por você.

Formular uma questão real (não a partir do pensamento) contém em si o sabor desse estado sobre o qual se está perguntando. Não perguntar "Como fazer isso?" (isso tem pouco valor), mas sim: *Isso é possível?*

*Texto extraído do livro *Notes on The Next Attention* (Notas Sobre A Atenção Subsequente) de Fran Shaw, Ph.D., Indications Press, New York.

O QUE VOCÊ DÁ DEPENDE DO QUE RECEBE

Michel de Salzmann¹

Há uma circulação de energias. Na vida, isso significa circulação de bens. Existe uma lei matematicamente exata: você recebe o que dá. Na vida, você recebe o que dá.

Mas aqui, o que você dá depende do que recebe. A qualidade de impressões, de beleza, de fineza, você recebe. Ficar sensível em cada momento a uma qualidade mais fina de vida, de impressões, lhe permite dar essa mesma qualidade, e dessa forma criar entre nós outra qualidade de circulação.

No momento em que estou satisfeito, que tive o bastante, espero mais uns poucos minutos e desse modo transformo essa impressão. Posso receber, mas ainda não posso dar.

A única descoberta é essa energia. A afirmação dela. Fique com essa energia. Quando você está com ela, não importa o que pensa, sente ou faz, porque a percepção principal é dessa energia.

Em primeiro lugar, ela aviva a cabeça – torna-se ativa. Mas isso ainda não é tudo. É preciso ir mais fundo. O Coração, os sentimentos são tocados. Tudo que for pessoal se afasta, é nada. Aparece a possibilidade de algo novo.

E posso ser sincero.

¹ O Dr. Michel de Salzmann (1923 – 2001), durante muitos anos, encontrou-se pelo mundo com pessoas interessadas no Trabalho de Gurdjieff, um ensinamento que guia a pessoa para despertar em meio à vida do dia a dia.

Fica evidente, mesmo nestes fragmentos de suas palestras em Chandolin (1993 – 2000), reunidos por Fran Shaw, a habilidade única do Dr. Salzmann para falar de um jeito que torna acessível ao ouvinte “a inesgotável dimensão da atenção”.

Para ajudar as pessoas a compreenderem o que significa acordar, o Dr. de Salzmann faz uma distinção entre algo que alguém pode fazer com sua atenção e o que esse alguém recebe. Ele fala de uma energia sutil que é sagrada e acessível. No momento em que alguém a reconhece e conscientemente recebe essa fina atenção, esse alguém acorda e começa a *ser*.

“Estamos em um processo de ficar sob outra influência”, ele nos diz. Existe a “minha atenção”, uma atenção secundária, que corre montanha acima, vê obstáculos, faz isso ou aquilo...

“Se for ‘minha’ atenção, não é essa outra Atenção, que *transforma*.”

Nestas notas, sua voz nos chama para essa Atenção subsequente.

*Texto extraído do livro *Notes on The Next Attention* (Notas Sobre A Atenção Subsequente) de Fran Shaw, Ph.D. - Indications Press, New York. Fran Shaw é autora de sete livros e professora de escrita na Universidade de Connecticut em Stanford. É aluna do Trabalho de Gurdjieff desde 1973. Em 1991, conheceu o Dr. Michel de Salzmann quando ele visitou Nova York em sua qualidade de diretor da rede de institutos Gurdjieff no mundo. Durante oito verões, de 1993 a 2000, foi convidada, ao lado de outros americanos, a trabalhar com o Dr. de Salzmann em um chalé nos Alpes suíços e manteve um registro de suas palavras como lembrança da qualidade de atenção vivida durante esses períodos.



Existe um BEM tão precioso que ninguém pode roubar ou destruir.

ATITUDES CERTAS E ERRADAS

P. D. Ouspensky

P: Sinto que sou impedido de pensar de forma prática sobre as ideias, devido a uma atitude destrutiva, que começa por tentar encontrar dificuldades e objeções. Qual é o melhor método para enfraquecer essa atitude?

Ouspensky: Estudar. Para dizer a verdade, isso é interessante como observação, porque muitas pessoas, não necessariamente só as que estão no Trabalho, vivem apenas nas objeções. Elas só se veem como inteligentes quando encontram uma objeção em relação a alguma coisa. Quando não encontram nenhuma, não se sentem trabalhando, pensando, ou o que for.

P: Lembro-me de ouvi-lo discorrer sobre atitudes corretas como sendo uma arma contra as emoções negativas. Você quis dizer [atitudes] negativas ou positivas, de rejeição ou de aceitação?

Ouspensky: Não é uma questão de rejeição e sim de compreensão. Quando falei sobre atitude certa ou errada naquele contexto, falei em atitude certa ou errada em relação às emoções em si, porque podemos ter atitudes corretas ou errôneas em relação à nossa negatividade – isso é diferente nos diversos casos. Não se pode generalizar. Neste caso, estou falando sobre atitudes em si. Temos de ter atitudes positivas em alguns casos e negativas em outros, porque, muitas vezes, a falta de compreensão é causada por atitudes errôneas. Algumas pessoas podem





ter uma atitude negativa diante de tudo; outras tentam cultivar uma atitude positiva por algo em relação ao que deveriam ter uma atitude negativa. Para compreender certas coisas, você tem de ter atitudes negativas; outras coisas, você pode compreender de forma positiva, por assim dizer. Mas atitudes positivas demais também podem estragar as coisas. Estou usando aqui as palavras “positiva” e “negativa” no sentido usual de aprovar ou desaprovar.

P: Certas atitudes não são governadas por emoções?

Ouspensky: Tente compreender atitude separadamente de emoção. Ela pode ser independente. Na verdade, ela é um ponto de vista que, até certo ponto, está sob nosso controle. Se um ponto de vista está correto, produz um efeito; se está errado, produz outro. Pontos de vista podem ser de espécies bem diferentes.

P: Você quer dizer um ponto de vista sobre a vida e as coisas?

Ouspensky: Pense por si mesmo. Tente descobrir o que significa atitude ou ponto de vista.

P: Pode alguém definir atitude ou ponto de vista em relação ao Trabalho?

Ouspensky: Com certeza, ou em relação a algo mais. Podemos ter atitudes em relação a tudo.

P: Como alguém pode mudar suas atitudes?

Ouspensky: Em primeiro lugar, estudando a vida e a si mesmo segundo este sistema. Isso muda a atitude. Este sistema é um sistema de pensamento diferente, ou melhor, de atitudes diferentes, e não simplesmente de conhecimento. Portanto, é necessária certa avaliação; você precisa compreender o valor relativo das coisas.

P: É possível ter sempre uma atitude correta em relação à vida ordinária?

Ouspensky: Certamente é possível ter uma atitude correta, mas a atitude não é sempre a mesma, e aí está a dificuldade. É o mesmo princípio sobre o qual debatemos em conexão com diversos tipos de ação. Pode haver também diferentes tipos de atitudes. Por enquanto, pegaremos apenas dois: positiva e negativa – não no sentido de emoções positivas ou negativas, mas no que se refere

às partes positivas e negativas do centro intelectual, ou seja, a parte que diz “sim” e a parte que diz “não”. Essas são as duas atitudes principais.

Temos de entender que não temos controle, que somos máquinas, que tudo nos acontece. Mas apenas falar sobre isso não muda esses fatos. Parar de ser mecânico requer algo mais. Primeiramente, é necessária uma mudança de atitude. Uma coisa sobre a qual temos certo controle são nossas atitudes – atitudes em relação ao conhecimento, aos amigos, ao sistema, ao trabalho, ao estudo sobre si e assim por diante. É necessário compreender que não fazemos coisas, mas podemos mudar nossas atitudes.

É muito importante pensar sobre as atitudes, porque, com frequência, temos uma atitude negativa em relação a coisas que só podemos compreender tendo uma atitude positiva. Por exemplo, pode acontecer que pessoas, casualmente, tenham uma atitude negativa em relação a algo conectado com o Trabalho. A compreensão delas então não vai além e elas não conseguem entender mais nada até que mudem sua atitude. Mas em relação a muitas coisas na vida, é preciso ter uma atitude negativa, senão não podemos compreendê-las. Há coisas que só podem ser compreendidas com uma atitude negativa.

P: Com respeito a atitudes corretas, fico sempre com o sentimento de que não é justo se não ouço o argumento positivo.

Ouspensky: Pode ser, pode não ser. Argumento é uma coisa e atitude é outra.

P: Você pode explicar melhor por que são necessárias certas atitudes para se compreender uma coisa?

Ouspensky: Tente pensar sobre isso; tente ver por si mesmo por que certas atitudes são necessárias para a compreensão. Há muitas e muitas coisas na vida que não podem ser entendidas a não ser que você tenha uma atitude negativa suficientemente boa em relação a elas. Com muita frequência, quando as pessoas começam a falar sobre coisas diferentes, não chegam a lugar nenhum porque não têm uma atitude negativa. Se você olhar para elas positivamente, nunca compreenderá nada. Dessa forma, uma atitude negativa é algo muito útil. Por outro lado, no momento em

que você tem uma atitude negativa em relação a coisas que dizem respeito ao Trabalho, às regras do Trabalho e seus métodos, você cessa de compreender qualquer coisa. De acordo com sua capacidade, você só pode compreender enquanto for positivo.

P: Ter uma atitude em relação a alguma coisa não é apenas outra palavra para identificação?

Ouspensky: Com certeza não. Atitude significa ponto de vista. Você pode ter um ponto de vista sobre as coisas sem estar identificado. Muitas vezes, identificar-se é o resultado de uma atitude errônea.

P: Temos uma atitude positiva em relação à falsa personalidade?

Ouspensky: Sim, sempre. Gostamos dela e a glorificamos, pensamos que é nossa melhor parte.

P: Se tivéssemos uma atitude negativa em relação a ela, começaríamos a vê-la?

Ouspensky: Começaremos a compreendê-la quando tivermos uma atitude negativa sobre ela.

P: Não existe o perigo de uma atitude negativa estar vinculada a uma emoção negativa?

Ouspensky: Sim, existe um grande perigo, mas se você não se identificar com a atitude negativa, a emoção não surgirá. Na verdade, temos muitas emoções negativas, porque não temos uma atitude suficientemente negativa em relação a elas. Isso pode parecer paradoxal, mas se encontrar exemplos adequados, você verá que é assim mesmo.

P: Você quer dizer que para despertar temos de odiar a indolência?

Ouspensky: Não. Odiar é emoção negativa. Estou falando de uma atitude negativa.

P: É a atitude errada que nos faz justificar?

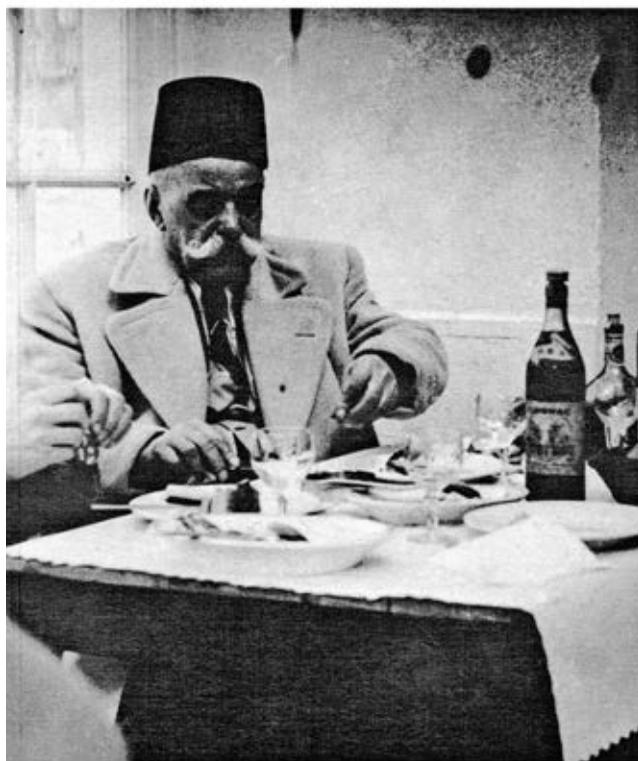
Ouspensky: Sim, é isso mesmo.

*Texto extraído do livro *A Further Record – Extracts from Meetings* (Um Registro Posterior – Resumos dos Encontros) – 1928-1945, de P. D. Ouspensky, Ed. Arkana.

AS REFEIÇÕES ESPECIAIS DO SR. G.*

Jessmin e Dushka Howarth

"Há mais do que um tipo de alimento na minha mesa. Deixe a comida que você come ficar apenas na memória, mas os outros tipos de 'alimentos', leve-os com você."



Sr. Gurdjieff. Foto de Dushka Howarth

Com o passar dos anos, dolorosamente, tornei-me cada vez mais consciente de quão poucos de nós ainda estão por aqui daqueles que de fato conheceram o Sr. Gurdjieff, passaram um tempo com ele, compartilharam refeições, ou viajaram com ele. Simplesmente, os aspectos humanos de sua vida foram esquecidos, interpretados de forma errada, ou estilhaçados sem nenhuma razão. Até a algo tão natural e normal como a comida que ele comia ou era servida para grandes grupos de convidados, e sua relativa importância na sua rotina diária e no seu ensinamento, etc, tem-se dado todo tipo de falsas interpretações – como à sua prática de fazer “um brinde aos idiotas” bêbados na hora das refeições.

Durante esses anos, vários grupos e amigos pessoais me pediram para ajudá-los a preparar a “salada especial” do Sr. Gurdjieff, que, em princípio, eu simplesmente pensei colocar em uma receita e deixá-la lá. Mas até a “salada” e por que ela era “especial” parecia exigir tanta explicação, que eu terminava me perguntando se o assunto todo do Sr. Gurdjieff em relação à comida

e à bebida não merecia ser posto em perspectiva para ser discutido.

Hoje, especialmente na maior parte das religiões e contextos espirituais, o alimento material parece ser considerado algo de que o ideal seria tentar privar-se, com certeza não apreciá-lo. O Sr. Gurdjieff, por outro lado, deve-se constatar, sempre conferia à comida, à sua preparação e distribuição, o maior respeito. Não havia nada de hedonístico nessa atitude. Ela vinha de sua estima por nosso maravilhoso corpo e da crença de que somos obrigados a supri-lo com os melhores cuidados possíveis e alimentação, inclusive as impressões dos sentidos! (Ele só advogava o jejum para pessoas especiais em circunstâncias especiais, supervisionadas de perto.)

Nos primeiros anos, primeiro na Rússia e depois na Europa, embora lidando muitas vezes com sérios contratempos financeiros, sempre se sentiu solicitado a sustentar generosamente os que estavam à sua volta, a sua família, os

vários seguidores, e até mesmo (especialmente durante a guerra) pessoas totalmente estranhas.

Mas ele insistia: "O homem deveria comer não como um animal, mas com consciência".

Esse conceito em si não é exclusivo de Gurdjieff, mas a importância que ele lhe dá é única. Quase toda religião pede aos que rezam antes das refeições que se lembrem disso, mas a razão para esse ato foi quase esquecida.

Dentre todos os exemplos que Gurdjieff usou para ilustrar o aspecto essencial de seu ensinamento, "a qualidade de atenção", ele escolheu a única experiência que todos os

seres humanos compartilham: "Quando você fizer alguma coisa, faça-a com todo seu ser, uma coisa de cada vez. Agora eu vou me sentar aqui e comer. Para mim, não existe nada no mundo a não ser esta comida, esta mesa. Estou agora sentado aqui com toda atenção. Assim se deve fazer – em tudo. Ser capaz de fazer cada coisa de uma vez – essa é uma qualidade inerente ao *homem*, não ao homem entre aspas."

Em outra ocasião, ele foi citado com os dizeres: "Se alguém sabe como comer de maneira apropriada, esse alguém sabe rezar". E ainda: "É importante compor um prato com seus elementos corretamente misturados, como uma composição musical ou as cores em uma pintura. A harmonia em escala. Deve-se ter muito conhecimento para ser um bom cozinheiro. Um médico culinário."

Louise Goepfert March, uma das secretárias de Gurdjieff no Priuré, lembrava que naqueles dias ele ficava habitualmente quieto na mesa. Ele dizia: "Quando eu como, me lembro de mim mesmo". E reprendia as pessoas que insistiam em falar durante as refeições: "Deus idiota só fez uma boca. Deveria ter feito duas."

Thomas de Hartmann também nos conta que: "Saborear a vida por inteiro era um dos princípios do Sr. Gurdjieff. Durante nossa vida com ele, experimentamos todo tipo de prato oriental, alguns muito exóticos. Ele nos contou que no Leste eles sempre dão particular atenção ao refinamento dos elementos da comida. O objetivo não é faltar-se às escondidas, mas sim experimentar, em minúsculas porções, todas as variedades de experiências gustativas." "Posso ainda vê-lo de forma clara, seus músculos totalmente relaxados, como sempre. Lentamente, ele leva à boca uma pera muito boa, com a casca. Sem pressa nenhuma, dá uma mordida nela, como se estivesse esforçando-se para absorver todo seu aroma, todo seu sabor."



Cesta de frutas. Pintura de Caravaggio, c. 1597-1598

*Trechos do livro *It's Up to Ourselves: A Mother, a Daughter and Gurdjieff. A Joint Memoir* (Compete a nós: Uma Mãe, Uma Filha e Gurdjieff. Uma Memória Conjunta), de Jessmin (Mãe) e Dushka (Filha) Howarth.

MEDITAÇÃO NÃO É CONTEMPLAÇÃO

Jeanne de Salzmann

Por milhares de anos, o cérebro humano foi condicionado a agir do centro para a periferia e da periferia para o centro em um movimento contínuo, indo para fora e voltando. Como esse movimento poderia parar algum dia? Se ele cessar, uma energia aparecerá, uma energia sem limites, sem causa, sem começo nem fim. Para chegar a isso, é necessário primeiramente colocar ordem – limpar a casa –, uma tarefa que requer atenção total. O corpo tem de ficar muito sensível e a mente completamente vazia, sem nenhum desejo. A compreensão virá não por um esforço para adquirir algo ou vir a ser, mas quando o espírito estiver calmo.

Nossa verdadeira natureza, essa desconhecida que não pode ser nomeada porque não tem forma, pode ser sentida no intervalo entre dois pensamentos ou duas percepções. Esses momentos de parada constituem uma abertura para a presença que não tem fim, que é eterna. Normalmente, não conseguimos acreditar nisso, porque pensamos que tudo que é sem forma não é real. Assim, deixamos passar a possibilidade de experienciar o Ser.

Nosso medo de não ser nada é o que nos empurra para preencher o vazio, para desejar obter algo ou vir a ser.

E esse medo, consciente ou não, leva à destruição da nossa possibilidade de ser. Não podemos livrar-nos dele por meio de uma ação ou da vontade, nem por um esforço de libertação. Opor um desejo a outro só pode gerar resistência, e compreender não vem da resistência. Só podemos libertar-nos desse medo através da vigilância, nos tornando conscientes dele. Temos de perceber claramente os desejos contraditórios com os quais vivemos. Não é uma questão de nos concentrarmos em um desejo único, mas de nos livrarmos do conflito gerado pela avidez. Com a dissolução do conflito, vem a tranquilidade. A realidade pode aparecer.

A forma mais alta de inteligência é a meditação, uma vigilância intensa que libera a mente de suas reações, e só ela, sem nenhuma intervenção persistente, produz um estado de tranquilidade. Isso requer uma energia extraordinária, que só pode aparecer quando não há em nós nenhum conflito, quando todos os ideais desapareceram completamente, toda crença, toda esperança e todo medo. Aí não é a contemplação que surge, mas um estado de atenção em que não há mais o sentido de “eu”, alguém que se apresente para participar da experiência, para se identificar com ela. Assim sendo, não há experiência. Compreender isso no seu mais alto nível é importante para quem deseja saber o que é a verdade, o que é Deus, o que está além das construções da mente humana.

Nesse estado de vigilância, não faço nada, mas estou presente. A mente está em um estado de atenção em que há lucidez, uma observação clara sem escolher o que se pensa, se sente ou se faz. A mente se concentra sem limites. Esse estado produz tranquilidade, e quando a mente está totalmente quieta, sem ilusões, “algo” adquire existência, algo que não é construído pela mente e que não pode ser expresso em palavras.

*Texto extraído do livro *The Reality of Being – The Fourth Way of Gurdjieff* (A Realidade do Ser – O Quarto Caminho de Gurdjieff) de Jeanne de Salzmann, Ed. Shambala.

EM UM CORPO QUIETO, EU INSPIRO

Jeanne de Salzmann

Tenho uma nova impressão de mim mesma, mas ela é frágil. Não estou suficientemente mergulhada na sensação de ser uma Presença viva, e o sentimento aqui revelado ainda é muito tênue. Aparecem tensões. Sinto-as. Mas sei do que elas me separam, e por eu saber, elas se dissolvem. É um movimento de fluxo e refluxo em que meu sentimento fica mais forte. Ele perde seus elementos negativos e agressivos e abre-se cada vez mais para a percepção do sutil, do mais alto, do sentido da vida em si. Minha inteligência tem de compreender o sentido das minhas tensões, e algo em mim precisa deixar cada vez mais espaço – não por obrigação, mas por necessidade, uma necessidade de ser. Procuro compreender este estado-sem-tensão que me coloca mais perto do vazio, da minha essência.

Torno-me consciente de um mundo de vibrações mais finas. Sinto-as. Tenho a sensação delas, como se certas partes minhas fossem irrigadas, vivificadas, espiritualizadas por elas. No entanto, não estou ainda inteiramente sob a influência dessas vibrações. Dou-me conta disso. Mas sinto uma necessidade cada vez maior de não resistir a elas. Meu “eu” habitual perdeu sua autoridade e, como outra autoridade o fez cair, sinto que minha vida apenas tem sentido se eu estiver afinada com ela. Ao trabalhar



para essa concordância, sinto como se estivesse situada em um circuito fechado e que, se eu pudesse permanecer aqui por tempo suficiente, aconteceria o milagre da minha transformação.

Para sentir essas vibrações finas, tenho de ficar em uma real quietude do corpo, um estado sem nenhuma tensão em que o pensamento é simplesmente uma testemunha que, sem fazer nenhum comentário, vê tudo o que acontece. Compreenderei então o que significa ter uma sensação pura – na qual nenhuma imagem intervém. Meu corpo está sob essa visão sem nenhuma tensão. O relaxamento aparece por si conforme minha visão vai ficando mais clara, e com isso sinto que ilhas separadas de energia em mim precisam ficar mais profundamente ligadas.

Essa sensação fina é um sinal da encarnação, do momento da penetração em que o espírito se materializa e adquire uma densidade definida.

Em um estado mais objetivo, quando uma ordem fica estabelecida, minha respiração pode assumir um novo sentido. Só nesse estado, sou capaz de receber os elementos mais finos do ar e absorvê-los. Sinto a energia circular livremente no meu corpo, sem nada para detê-la ou desviá-la, projetá-la para fora ou prendê-la dentro. Ela flui em uma espécie de movimento circular que ocorre sem minha intervenção. Sinto-o como um movimento no qual eu existo. Descubro minha respiração – a absorção e a descarga de energia.

Inspiro. . . . Expiro.

Sei que inspiro. . . . Sei que expiro.

Em um corpo quieto, inspiro. . . . Em um corpo quieto, expiro.

Lentamente inspiro. . . . Lentamente expiro.

Estou desperto para essa respiração que está acontecendo em mim. Estou desperto para meu corpo. Não os separo um do outro.

Em um corpo leve, inspiro. . . . Em um corpo leve, expiro.

O corpo fica mais leve. Permito-me exalar completamente, o percurso todo até o fim.

Sem avidez, inspiro. . . . Sem avidez, expiro.

Sinto a impermanência do movimento. Não tento reter nada, seja o que for.

Sentindo-me livre, inspiro. . . . Sentindo-me livre, expiro.

Palavras e formas perdem seu poder de atração. Uma espécie de claridade ilumina o estado em que estou. Torno-me profundamente quieta, a fim de despertar para o que Eu sou.

*Texto extraído do livro *The Reality of Being – The Fourth Way of Gurdjieff* (A Realidade do Ser – O Quarto Caminho de Gurdjieff) de Jeanne de Salzmann, Ed. Shambala.

SOBRE A BREVIDADE DA VIDA

ORAÇÃO NA RENOVAÇÃO DO MÊS

“Ensina-nos a contar nossos dias, para que a sabedoria penetre em nossos corações.”

Sl 90,12

Senhor Zebaoth, quando fizeste os dois grandes luminares do dia e da noite, tua soberana sabedoria quis que eles fossem sinais visíveis da divisão dos tempos, para nos ensinar a conhecer a instabilidade de nossa vida. O nascer e o pôr do sol mostram-nos a pronta sucessão dos dias; a volta regular da lua indica-nos a mudança rápida dos meses e dos anos. Assim, voam os instantes de nossa existência fugidia, e chegamos rapidamente ao final que a Providência fixou. É somente na consciência de termos sido úteis, de termos nobremente empregado as horas da nossa vida, que podemos regozijar-nos de ter vivido e lançar um olhar tranquilo além da sepultura.

O que gostaríamos de ter feito na hora da morte? Façamos, então, o que gostaríamos de ter feito. Não há tempo a perder; cada momento pode ser o último de nossa vida. Quanto mais tivermos vivido, mais estaremos perto do túmulo.

É por isso, Senhor Todo Poderoso, Deus de Israel, que te suplico conceder-me a graça da tua bênção neste



novo mês que começa; que graças à tua divina proteção ele decorra para mim e para todas as crianças na paz da alma, na prática da tua lei, na piedade e na caridade; que nenhuma ação, nenhum pensamento de culpa perturbe meu espírito e meu coração, e que o trabalho de minhas mãos baste para alimentar o meu corpo. Que teu amor, Pai Nosso, vele sem cessar sobre nós. Amém.

*Texto extraído do livro *Prières d'un Coeur Israélite* (Orações de um Coração Israelita). Tradução: Isaac Goldstein.



ARTIGOS

- Os Contos de Fadas e o Trabalho Interior: A Bela e a Fera
 - Para você que está a Caminho,
Para você que está no Caminho
 - O mundo das ideias do Sr. Belzebu
 - São os planetas seres vivos?
 - O Maior Objetivo
 - Reflexões sobre o texto bíblico “Livro de Tobias”
 - Octopus
- 



OS CONTOS DE FADAS E O TRABALHO INTERIOR: A BELA E A FERA

Lourdes Baptistella

Desde criança, os contos de fadas me encantam. Hoje, me atraem ainda mais, pois percebo que trazem consigo um conteúdo mágico que, de maneira quase singela, me aproxima do Divino.

A Bela, que reconheço como a nossa alma, é uma jovem bonita, bondosa, inocente e ingênua. Adora ler, ama a vida e está em busca do verdadeiro amor. A Fera, em quem reconheço as nossas emoções, paixões e vida exterior, também é jovem, mas, por não ter sentimento, por ser egocêntrica e preocupada com o mundo das aparências, acaba recusando ajuda a uma velhinha que, na verdade, é uma fada. Quando isso acontece, ela é transformada em um monstro horroroso, até que, um dia, através do verdadeiro Amor, oriundo da sua profundidade, se transforma em um ser mais evoluído.

Assim somos nós, reles mortais. Temos uma alma encantadora, imensa, jovial e bela, aprisionada pelo furor das paixões, pelo luxo, pela ganância, enfim, pelo egoísmo fomentado pelo mundo das aparências. Com a alma capturada pela Fera, permanecemos impedidos de entrar em contato com nosso verdadeiro ser.

Nossa alma vem para este mundo completamente despreparada e, por isso, se encanta com tudo que vê, ouve e sente. Seduzida pelo mundo de fora, esquece-se de sua verdadeira origem. Mas permanece nela certa lembrança, certa nostalgia, que a incomoda, que a faz querer sair deste mundo horizontal e alçar voos mais altos.

Vivendo na dualidade, aprecia os prazeres do mundo, e ao mesmo tempo, sente “saudades” de sua origem divina. Com isso, ela sofre. Diante do próprio sofrimento, ela percebe a Fera dentro de si. A partir daí, por incrível que pareça, é a Besta Fera que vai despertar na Bela o sentimento de compaixão e Amor. E então, a Fera, tocada pela finura de sentimentos da Bela, começa a tornar-se mais humana e aos poucos se liberta.

O Ensino legado pelo Sr. Gurdjieff tem como objetivo não só despertar e liberar a alma da prisão do adormecimento, dos ferrões da Fera, do egocentrismo e da pequenez, mas também lembrá-la de que ela não é deste mundo.

Em nossa Escola, graças à paciência e à compaixão dos nossos Mestres, que compreendem as dificuldades por que passa nossa Bela neste mundo, aprendemos a entrar em contato com ela, através das práticas de recolhimento, da lembrança de si, do sistema de Revitalização Integral e dos Movimentos gurdjieffianos. Utilizando as várias ferramentas generosamente oferecidas por nossos Mestres, pouco a pouco vamos libertando nossa alma, para que cumpra sua verdadeira missão: orientar-nos

diante dos percalços da vida e nos levar de volta à nossa verdadeira morada.

É interessante notar que a Bela, tanto na história como na vida real, sente-se atraída pela força e o poder da Fera, e não percebe que, enquanto alma, é muito mais poderosa do que ela.

Sendo a própria encarnação do Amor em sua mais alta acepção, a Bela, essa filha de Rei, é a única capaz de redimir e libertar a Fera. Interligadas pela compreensão e envolvidas pelo Amor celestial, Bela e Fera passam a conviver harmonicamente lado a lado. E assim, evoluindo a cada dia, nossa Bela Alma vai voltando feliz ao seu país de origem: o Reino do Pai.



Cena do filme “A Bela e a Fera”.



PARA VOCÊ QUE ESTÁ A CAMINHO, PARA VOCÊ QUE ESTÁ NO CAMINHO

Cíntia Fernandes Contreiras

O Trabalho Interior consiste simplesmente em Assistir, em Ver, em Ser Testemunha, basicamente, em se desidentificar. E o que se desidentifica? A Consciência. Mas desidentificar-se de quê? De todas as Energias existentes em nós. E por quê? Porque a Percepção, que pode nos proporcionar o Verdadeiro Sentimento de Eu e nos levar ao Sentido de EU, está atolada nas "condições ordinárias da nossa existência na Terra", ou seja, neste corpo físico. Mas se desidentificar é lento e exige perseverança da nossa parte. Para sustentar esse Caminho em direção ao EU, devemos começar por buscar a Sensação.

Sensação é Vida, é a primeira manifestação da Santíssima Trindade em nós (Vida, Consciência e Amor). Devemos procurar entrar em contato com o nosso corpo de sensações, ou energias, através da Atenção. É a Atenção, o dedo da Consciência, que começa a estabelecer esse contato.

O Sol do nosso sistema nos dá Vida, Luz e Calor. Ele é o nosso Criador e no sistema solar corresponde a Deus. Assim, pela manhã, ao acordar com o Sol, seja, antes de tudo, grato a Deus por Existir, por Respirar, por Ser Vivo. Agradeça fazendo qualquer das práticas

oferecidas, porque todas são Orações de Agradecimento a Deus por Existir. Se sentir que alguma delas facilita a percepção de suas energias, use-a e abuse dela. Com a prática diária da Atenção às Sensações, tanto pela manhã como durante o dia, o sentimento de Gratidão irá gradualmente aparecendo. Este Sentimento já é parte de sua Verdadeira Natureza.

Com o tempo, você começará a ter condições de observar a si mesmo, podendo estudar a si mesmo e o Universo à sua volta. Perceberá sua personalidade, que consiste no conteúdo dos seus cinco centros, ou seja, em tudo que aprendeu desde que nasceu, e nos seus amortecedores. Perceberá ainda a sua Essência, que é a sua natureza ou a natureza dos seus cinco centros, e suas contradições internas.

É esse o começo do processo de desidentificação das energias. Através dele, você começa a perceber e a viver o atrito causado pelo conflito interno entre as múltiplas direções em que os seus desejos o movem. Percebe ainda o conflito entre o desejo genuíno de realizar o Verdadeiro EU, única Razão de nossa Existência, e os múltiplos desejos da multidão de "eus" identificados com tudo à sua volta.

Entrando em contato com a Sensação, é possível começar a perceber a conversa rolando em sua cabeça quando está acordado, e que corresponde ao mundo dos sonhos quando você está dormindo. É possível começar a perceber que esse fluxo de palavras e imagens desgovernado é uma enorme barreira, uma nuvem cinzenta que o impede de Ser sua Verdadeira Natureza Divina, que é Silêncio, Calma e Relaxamento Profundo.

É possível perceber também que o falar interno é alimentado por todas as energias, por toda a vida em movimento no seu corpo e no seu emocional, ou seja, elas são o próprio fluxo desse mental. Ao percebê-las, já não estarão no plano obscuro do seu ser e, por isso, já não terão tanta força sobre você. O fato de reconhecê-las fará com que não o dominem completamente, impulsionando-o em múltiplas direções; já não o escravizarão com tanta frequência, determinando o caminho que lhes convém.



Quando se conhece a direção, mesmo um longo e difícil caminho não nos impedirá de chegar ao Destino. Foto de David Clive Price

Assim, a cada instante que o Percebedor aparece, você vive a Sensação, você Sente. E, a cada instante que você vive as Sensações, o Percebedor vai-se destacando cada vez mais das suas Energias. Isso porque, na verdade, você é o Percebedor, o que está experimentando as energias, a sensação. Você é esse que VÊ e que testemunha o SER e a VIDA.

O falar interno corta-o da vida. É ele que o tira do Caminho em direção ao EU. Mas a cada pequeno instante que o percebe, você está realizando os esforços conscientes para Ser Homem Número 4, ou seja, está a Caminho do Quarto Caminho.

Sucessivamente, você poderá praticar os Sofrimentos Voluntários, que significam ficar rente com o que se levanta e se mostra para você, ou seja, rente às energias do corpo, do emocional e do mental, em síntese, dos centros. Em suma, você vai desapegar-se de tudo que não é você, mas que está em você, e aprender a escolher SER sua Verdadeira Natureza Divina.

Ao longo do tempo, por meio da sensação, o seu corpo, templo de DEUS, irá se preencher de Esperança. Como Esperança é vida, você estará preenchendo-se de VIDA. E será a Esperança que o ajudará a sentir a Alegria, a Felicidade, a Paz e a certeza do Divino, o amor ao Divino.

A partir daí, nada mais o tirará do Caminho, ninguém o expulsará arbitrariamente do Paraíso. Você começará a se preencher da terceira Manifestação da Santíssima Trindade, que é Amor e ela, a força de manutenção, o auxiliará a buscar a verdadeira unidade com o Divino, que é a própria Consciência, a Testemunha. Apenas ela é livre do fluxo, das energias, dos amortecedores, do mim, do tempo. Só ela está na eternidade, no ponto, na imobilidade. Tudo o mais está no círculo, no movimento.

Trata-se de uma ESCADA. Comece a subi-la através da prática da sensação e com toda a certeza alcançará DEUS.

Basicamente é esse o Caminho. Seja perseverante sempre e a qualquer momento.



O MUNDO DAS IDEIAS DO SR. BELZEBU

Marian Suzano Bleier

Escrever sobre as ideias descritas no livro trouxe-me, de imediato, a dimensão do quanto essa possibilidade pode ajudar a entender o mundo de cada um e o mundo ao nosso redor. A abrangência do livro *Relatos de Belzebu a seu Neto* revela-se, entre outras coisas, um instrumento educativo de grande valor. Escrito por um mestre contemporâneo, é um autêntico quebra-cabeça, pois sua linguagem extremamente hermética precisa ser desvelada.

Hassin, o neto de Belzebu – e podemos nos colocar perfeitamente como netos dele –, durante a exposição das ideias do avô, é levado a refletir, a acessar o que ele chama de “pensar ativo” que, segundo seus ensinamentos, deveria ser desenvolvido desde a infância em todo ser humano. Para que isso aconteça, Belzebu, esse personagem sábio e misterioso, sempre presente e disposto a transmitir de forma carinhosa conhecimento a seu neto, desenvolve conversas com ele, abordando temas importantes relativos ao Homem e ao Universo. A forma ativa de pensar

pode parecer complicada, mas, na verdade, é muito mais simples do que o nosso pensar habitual, absolutamente pobre de recursos e perdido em mecanismos que nem sequer são reconhecidos como mecanismos, levando-nos a comer gato por lebre o tempo todo.

Para que este artigo torne-se praticável, mesmo para aqueles que jamais tenham tido acesso ao livro, ousou colocar de forma didática algumas indicações preciosas, para os que querem levar seus dependentes a se tornarem adultos responsáveis, conscientes de sua condição humana:

1. Ensinar as crianças a questionar tudo ao seu redor, o que de certa forma já é uma característica inerente às crianças;
2. Não lhes dar respostas prontas, mas levá-las a responder às questões por si mesmas, fornecendo-lhes dados que as levem a uma confrontação lógica dos fatos;



3. Fazê-las conviver com o sagrado através de histórias vindas de diversas tradições de Ensino, ampliando seu conteúdo e ensinando-as sem rotular;
4. Orientá-las para que se deem conta de que vivemos no planeta Terra, inseridos em uma hierarquia cósmica: Absoluto, Todos os Mundos, Via-Láctea, Sol, Todos os Planetas, Terra e Lua;
5. Desenvolver nelas, desde sempre, o que Belzebu chama de "REMORSO DE CONSCIÊNCIA".

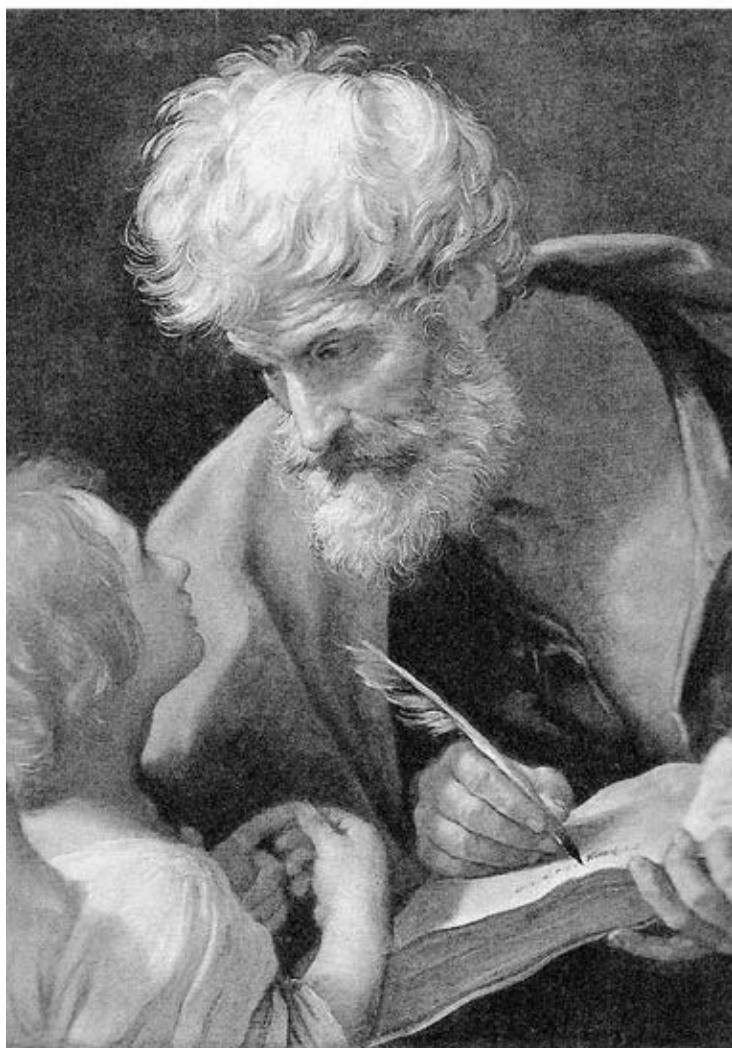
Os tópicos acima dispensariam explicações se recebêssemos uma educação baseada em nossa verdadeira natureza. Mas, infelizmente, não é essa a nossa realidade, uma vez que fomos deixados ao deus-dará desde muito cedo. Por isso, enquanto adultos, precisamos refletir sobre cada tema acima mencionado.

E é exatamente esta uma das propostas do livro: deve-se ler cada capítulo por três vezes, num processo de reflexão honesta consigo mesmo, aprendendo a ser imparcial, para que uma visão nova, muito mais adequada e justa, possa emergir.

Podemos começar como o menino Hassin, seguindo passos tão importantes para qualquer pessoa que queira realmente crescer e aperfeiçoar sua verdadeira essência. Na grande maioria dos seres humanos, a essência encontra-se totalmente mergulhada no oceano das mentiras em que fomos levados a acreditar desde crianças.

Para poder transmitir, precisamos primeiro aprender, e como a nossa realidade de adultos é seguirmos enredados em uma trama complicada de um pensar e um sentir compulsivos, confusos e cheios de dúvidas, acabamos impossibilitados de nos conhecer e de conhecer os outros.

É claro que esses ensinamentos podem ser assimilados com a ajuda de uma Escola de Caminho Interior que os



São Mateus e o Anjo

compreenda e que, através de um trabalho consciente e intencional, dedique-se a encontrar meios para que possamos ser resgatados do caos em que vivemos. Nossa essência, enclausurada em uma verdadeira couraça, almeja acessar sua real natureza.

Se experimentarmos o alívio e a grandeza de visitar nosso verdadeiro EU, certamente ele começará a fornecer todos os dados necessários para nos tornarmos adultos com A maiúsculo. Isso nos beneficiaria enormemente, pois significaria conhecer o motivo real de estar vivendo essa aventura terrestre tão breve e mal compreendida pela maioria dos homens.



SÃO OS PLANETAS SERES VIVOS?

Equipe de Estudos do livro *Fragments de um Ensino Desconhecido*: Beatriz Guiselini, Carla Galvão, Maurício Melo, Noeli Pomeranz e Sônia Maria Corrêa

Ao tentar responder a essa pergunta de maneira corajosa, fui arremetido aos meus 11 anos quando o professor de Biologia perguntava: “Vocês sabem me dizer o que diferencia um animal de um vegetal?”

Lembro-me de que, a cada resposta, o professor procurava ampliar nossos horizontes, mostrando que existem vegetais que se movem, como as bactérias; que nem todos fazem fotossíntese; que existem seres vivos, como os vírus, que não são constituídos por carbono; que os vegetais se reproduzem e podem ser bissexuados... Assim, sucessivamente, ele desconstruía o que, para cada um de nós, era um modelo sólido de compreensão dos diferentes reinos de seres vivos.

Tenho comigo até hoje a vívida memória de encantamento, ligada ao real desejo de conhecer. A delícia de saber que existia um mundo muito mais amplo que começava a se descortinar, em contraposição à minha visão parcial e corriqueira do dia a dia.

Até hoje, de todo o coração, agradeço imensamente ao meu professor por me propiciar essa pequena iluminação ainda tão jovem. Que Deus o abençoe onde quer que ele esteja!

Essa é, pois, a minha inspiração para mostrar que a nossa visão do mundo é muito estreita e que, somente ampliando nossa janela de consciência e nos alçando a planos mais elevados, é possível tratar de semelhantes questões.

Mas, para falar sobre uma possível vida dos planetas e sobre a natureza dela, talvez seja melhor partir de premissas mais facilmente constatáveis que envolvem questões como: “Em essência, o que somos nós, seres humanos? Que tipo de vida abrigamos?”

Somos, fundamentalmente, um cérebro e uma medula espinhal, colocados em contato com o mundo através das percepções dos órgãos dos sentidos. O corpo é uma espécie de carenagem para possibilitar essas interações.

Mas nosso verdadeiro núcleo, o eixo cérebro-espinhal, é um aparato captador e processador de ondas eletromagnéticas. Certas frequências de onda são percebidas pelo cérebro como imagens, através dos olhos; outras, como sons, através de nossos ouvidos. O calor, expresso por ondas eletromagnéticas de outras frequências, também é percebido por esse conjunto através dos terminais nervosos na pele. E assim por diante.

A nossa percepção do mundo ou, em outras palavras, a nossa vida, ocorre na escuridão desse conjunto cérebro-espinhal. O filme *Matrix* explora esse fato ao propor que, se as pessoas fossem “plugadas” em máquinas que inserissem diretamente as imagens e percepções no cérebro delas, não haveria grande diferença entre essa realidade virtual e a real. O cérebro não perceberia a diferença!

Outra analogia também pode ajudar. O cérebro é como um *cockpit* que a nossa consciência usa para pilotar o corpo neste mundo planetário. Por um lado, ele recebe informações do mundo externo, captadas pelos órgãos dos sentidos, e, por outro lado, envia comandos para toda a máquina.

Instalada dentro desse *cockpit*, nossa consciência percebe o que vem do mundo exterior, através dos órgãos dos sentidos e o que vem do interior do corpo, através da propriocepção. Chamamos o conjunto dessas percepções de “a realidade”.



O problema é que a Realidade é MUITO maior do que percebemos. Somente vemos uma porção muito limitada daquilo que chamamos Universo Visível. Somos como um aparelho de rádio que, ao sintonizar uma estação, deixa de perceber milhares de outras.

Os cientistas já demonstraram que a matéria visível do Universo representa somente dez por cento de sua massa total. A chamada matéria escura, invisível e não detectável por qualquer tipo de instrumento, representa noventa por cento da matéria existente.

Mas você deve estar se perguntando: "O que tudo isso tem a ver com a pergunta sobre a vida dos planetas?".

A resposta é: TUDO! Mas, como a pergunta é muito grande, é preciso atacá-la de forma segura, construindo uma base racional e explorando analogias.

Nesse sentido, uma boa analogia é que, diante de um mar imenso e profundo, somente vemos a fina camada de espuma nas ondas próximas à praia. Enxergamos essa fina película de espuma e somos cegos para todo o resto do oceano.

Mas como alargar nosso horizonte, como desvendar o oceano profundo?

De fato, essa não é uma tarefa fácil. É preciso coragem! Precisamos alterar a forma de pensar. O pensamento lógico dedutivo por si não pode alcançar outros níveis de realidade, que não se mostram na banalidade do nosso dia a dia. É preciso usar analogias e alegorias. O pensamento analógico pode nos fazer ver as diferentes facetas da vida e o pensamento simbólico pode nos alçar ainda mais alto. É preciso invocar certezas e constatações do nosso coração profundo. É preciso aliar uma forma de pensar mais fluida a uma percepção mais holística, que vem do coração. Aquele coração que tem certezas mesmo sem saber prová-las. Talvez da forma como aconteceu com Einstein, que teve primeiro o *insight* da teoria da relatividade e somente muitos anos mais tarde foi capaz de prová-la, usando lógica e analogias. Já as certezas do coração são as que, por exemplo, ao sentir a dor de

torturar um animal, dão a convicção inquebrantável de que isso não é certo.

Vamos, portanto, deixar o coração aberto ao encantamento das ideias e imagens que serão exploradas.

A primeira imagem deve ser a da própria Terra em seu habitat. Vamos nos colocar em seu lugar. Somos agora uma esfera azul magnífica girando em um espaço negro. O silêncio e a beleza desse meio já tocam nosso coração profundo. Sentimos o poder de sua presença. Ao nosso redor, existem milhões de astros pulsando. Que beleza! E que ordem! Por sentimento, temos a certeza de que a vida pulsa em cada um deles. De certa forma, sabemos que todos são seres vivos.

Mas nossa pobre mente lógica já interpõe a exclamação: "Que vida mais sem graça, girando mecanicamente ao redor do sol, sem nenhuma possibilidade de movimento voluntário!".

Esquecemo-nos de que nossa vida é muito mais limitada, pois estamos presos à própria Terra. Somos como um micro-organismo preso em uma região muito limitada de seu corpo. Além disso, temos limitações muito maiores: para sobreviver, precisamos de seu ar, dos alimentos que estão em seu corpo; precisamos dormir; somente sobrevivemos em certas condições de temperatura e umidade; temos ciclos de sono e vigília muito mais limitantes... Enfim, somos muito mais limitados em nossos movimentos que a Terra.

Mas, com esse tipo de mente lógica rasteira, não vamos a lugar algum.

Esse é o mesmo nível de lógica que imagina que, se somos feitos à imagem e semelhança de Deus, como alega a Bíblia, Deus deve ter a forma humana, provavelmente um velho barbudo e bondoso.

Mas vamos voltar para a nossa imaginação do ambiente da Terra. Ela gira, com um aglomerado de oito planetas e 176 satélites naturais, ao redor do Sol. O Sol sozinho representa 99,9% da massa de todo o sistema solar. Portanto, o sistema solar é o Sol.

Esse sistema solar, localizado na periferia da Via-Láctea, tem como vizinhos outros 250 bilhões de sóis. Por sua vez, a Via-Láctea, juntamente com outras 170 bilhões de galáxias, constitui o que chamamos de nosso Universo observável.

Ele é dito observável pela limitação que nos impõe a luz. Apesar de extremamente rápida, ela nos enclausura em um pedaço muito pequeno do Universo. Toda a informação que temos dele nos chega através da luz e outras ondas eletromagnéticas. Toda a interação possível entre seres humanos acontece dentro dos limites da velocidade da luz. Se houvesse um ser vivo em um planeta pertencente à estrela mais próxima ao nosso Sol, uma mensagem levaria quatro anos para chegar até lá e outros quatro para voltar. Imaginem como seria uma conversa com ele: "Oi, como vai?" Oito anos depois... "Tudo bem. E você?" Se quiséssemos conversar com um vizinho da Via-Láctea, essa mesma mensagem levaria 5,2 bilhões de anos para voltar.

Nós, os humanos, estamos isolados no Universo. A limitação da velocidade da luz é a nossa prisão.

Que sentido existe em um Universo com pelo menos 170 bilhões de galáxias, todas isoladas?

Se essas galáxias incontáveis existissem somente para abrigar vidas de seres orgânicos, como os humanos, que sentido poderia haver em manter tal isolamento?

Será que o foco de todo esse circo montado está nas pequeninas criaturas que, porventura, possam existir nas superfícies dos incontáveis planetas que certamente orbitam a quase infinita quantidade de sóis existentes?

Não seria mais razoável admitir que cada aglomerado, relativamente independente, que se mantém unido pela força gravitacional, seja um corpo que abriga uma consciência? Seria essa hipótese tão mais estranha do que a constatação feita por Pasteur, no século XIX, a respeito da existência de seres microscópicos?

Esse modelo não é semelhante ao aglomerado de cerca de 10 trilhões de células próprias e 100 trilhões de organismos estranhos que habitam o corpo de cada ser humano?

Um planeta, um sistema solar ou uma galáxia não seria uma réplica do modelo do organismo humano em escalas maiores? A Física, através dos fractais – figuras que repetem sua estrutura infinitamente, em escalas cada vez maiores –, já demonstrou que o Universo segue modelos que se replicam desde a escala mais microscópica até a formação de galáxias.

No corpo humano, observamos um esquema em que seres vivos maiores abrigam seres vivos menores em seu organismo. Não seria razoável supor que esse mesmo modelo se replique na escala dos planetas, sistemas solares e galáxias?

Voltando à questão da comunicação, cada bactéria no trato digestivo de um ser humano está tão isolada de outra bactéria no organismo de outro ser humano quanto um habitante da Terra estaria de um habitante de outra estrela vizinha.

Como a luz é o veículo para a comunicação de humanos com seres de outras estrelas, para as bactérias do trato intestinal o veículo, mais grosseiro, poderia ser a própria troca química através de fluidos.

Não é absurdo supor que os aglomerados – sistemas solares em uma escala e galáxias, em outra escala – possam se comunicar por meios inimagináveis para seres humanos. Que para eles a luz não seja uma limitação como para os humanos. Não é absurdo supor que, se tais aglomerados são seres vivos, eles disponham de formas de comunicação mais rápidas do que a luz. Isso é frontalmente contra a teoria da relatividade, mas não é algo absurdo para o nosso atual desconhecimento do que seja o Universo. Esse modelo tem a grande vantagem de dar um sentido de união à vastidão que é o nosso Universo.

Assim como a comunicação entre os seres, o tipo de vida e as possibilidades da consciência também são bem diferentes.

Da mesma forma que, dentro do organismo humano, uma bactéria não pode suspeitar das possibilidades do ser humano, um ser humano não poderia suspeitar das possibilidades de um planeta, um sistema solar ou uma galáxia.



As tradições antigas consideravam os planetas como seres vivos. Imagem da Alquimia, de Erasmus Franciscus, Nuremberg, 1676

Supor que a Terra é um ser vivo pode parecer estranho a princípio, mas se olharmos com a mente mais aberta, a ideia não é tão absurda.

Já vimos que seres vivos, como os vírus, não precisam necessariamente ser orgânicos.

Através da hipótese de Gaia, alguns cientistas alegam que a Terra é, sim, um ser vivo porque, como os seres vivos, possui mecanismos de autorregulação homeostáticos. Um exemplo desses processos nos seres vivos é a regulação da temperatura corporal realizada pela pele e pela circulação sanguínea. Da mesma forma, a Terra mantém as condições climáticas e biogeoquímicas em equilíbrio homeostático.

Pode-se argumentar que a Terra é composta majoritariamente de rochas, que não se parecem muito com o que conhecemos como vida. Mais uma vez, como não poderia deixar de ser, os modelos se replicam. As sequoias, árvores gigantes, que podem atingir mais de 100 metros de altura, são constituídas por 97% de material não vivo. Da mesma forma, a Terra é constituída por material rochoso revestido por uma fina película de seres vivos.

Como todos os seres vivos, a Terra teve seu nascimento a partir da aglutinação de substâncias. Como todo ser vivo, ela envelhece, e um dia deve morrer. Seu nascimento ocorreu há bilhões de anos sob a proteção acolhedora do Sol que, de certa forma, foi o responsável por sua gestação. Os elementos que a constituíram vieram do próprio Sol e de emissões das estrelas.

Ela passou por um longo processo de crescimento e amadurecimento. No início, não havia atmosfera e ela era muito instável. Qualquer asteroide colidia com ela e causava significativos "estragos" em sua estrutura física e atmosfera incipiente. Esse período de grande turbulência guarda alguma semelhança com os infantes e adolescentes humanos. Como os adolescentes, nesse período, a Terra não sabia se proteger de ameaças externas e era como uma porta aberta para toda e qualquer influência da vizinhança.

Hoje a Terra talvez já esteja em fase de maturidade, com a qual todos os seres vivos que a constituem contam para

uma existência pacífica. Outros planetas e a Lua ainda estão em uma etapa mais imatura. A Lua sequer possui uma atmosfera que lhe dê estabilidade e, por conta disso, sua temperatura varia de 100° C a - 150° C.

Você pode estar se perguntando: "Se a Terra é um ser vivo, ela deveria se alimentar. Do que se alimenta a Terra?". Muito bom! Você está pegando o jeito.

Como fizemos anteriormente, vamos partir de uma base sólida para construir nossas deduções lógicas e nossas analogias: o ser humano. Os seres humanos se alimentam de comida, ar e ondas eletromagnéticas, que correspondem a tudo o que entra pelos órgãos dos sentidos. Esses são seus três alimentos. Faltando qualquer um deles, a vida perece. O mesmo acontece com qualquer outra forma de vida sobre a Terra. Elas consomem esses três tipos de alimentos. Talvez as formas muito primitivas, como os vírus, não tenham estruturas para captar ondas eletromagnéticas, mas certamente existe uma troca, que podemos chamar de alimentação.

A forma mais grosseira de alimento da Terra pode ser facilmente percebida: são as ondas eletromagnéticas que chegam até ela através de emissões do Sol e das estrelas, sob a forma de luz. Esse tipo de alimento é abundante em todo o Universo e flui de forma generosa de todos os sóis, assim como o Amor Divino flui sem cessar em todas as direções.

Essa luz é o alimento primordial de tudo o que é vivo. Para alguns seres, é o alimento mais sutil, para outros, o mais grosseiro. Todos os planetas se alimentam dessa energia, pois todos são banhados por ela.

Mas a Terra, que já é um ser mais qualificado, desenvolveu órgãos de recepção desse alimento, capazes de captá-lo de forma mais eficiente. Tais órgãos são todos os incontáveis seres vivos que constituem seu corpo. Os vegetais absorvem a luz em estado bruto e a transformam em energia de vida, armazenada em seus próprios corpos, e também realizam o importante processo de manter a atmosfera estável. Os animais também absorvem o sol. Mas eles fazem a transformação de sua energia de maneira mais eficiente que os vegetais. Eles se movimentam e, ao fazê-lo, produ-

zem um novo tipo de energia, algumas vezes chamada de emocional. Essa energia cria um *frisson* na atmosfera da Terra que não existiria se houvesse apenas vegetais. Os seres humanos dão um passo ainda mais longe: eles produzem ou podem produzir outras substâncias que os animais não produzem. Os seres humanos pensam de maneira muito mais sofisticada que eles. Essas ondas de pensamento se tornam outro tipo de energia abundante na superfície do planeta. Mas os humanos também podem gerar energias ainda mais sutis, que talvez sejam um dos alimentos mais finos da Terra: Amor, Paz, Lucidez, Contentamento.

Outra característica importante dos seres vivos é passar por estados alternados de vigília e sono. Epa! Epa! "Agora, você está dizendo que a Terra dorme?"

Calma! Lembre-se de que sempre voltamos ao ser humano como ponto de partida de um pensar concreto. Como é mesmo que o ser humano dorme?

A primeira constatação é que o ser humano e todos os animais não dormem por inteiro. Somente partes de seu ser dormem. Prova disso é que eles facilmente acordam com algum ruído, alguma ameaça, etc. No estado de sonhos, o cérebro e as emoções continuam funcionando. Somente o corpo está relativamente inerte, dormindo. Em alguns momentos o cérebro e as emoções dormem. A esse estado chamamos de sono profundo. Mas existe algo no ser que nunca dorme: a sua capacidade de tomar consciência. Podemos dizer que, mesmo no estado de sono profundo, não perdemos a percepção da existência, pois temos a consciência de que existimos, de que dormimos bem, etc.

Com a Terra, pode acontecer algo semelhante. Quando é noite em uma de suas faces, ela desliga um pouco seus órgãos de percepção – os seres vivos – e mantém o outro lado aceso. Talvez seja essa a parte mais superficial do dormir da Terra. Por analogia, podemos talvez imaginar existirem para ela outros estados de sono mais profundos.

Outra característica dos seres vivos é a intensa troca interna de energias e substâncias. O organismo vivo precisa prover suprimentos energéticos e matéria-prima para cada uma de suas micropartes, as células. Nos seres vivos, essa função é

desempenhada pela circulação sanguínea e pela respiração. Terá a Terra algo parecido com sangue? Ela respira?

Talvez seja esse um dos aspectos mais facilmente compreensíveis. O sangue da Terra são as suas águas, e sua atmosfera, seu aparelho respiratório. Através de suas águas existe uma intensa troca de substâncias. A água permeia tudo no planeta: em grande escala, os mares e os rios; em microescala, ela representa sessenta por cento do corpo de cada ser humano. O ciclo de evaporação e condensação da água em chuva é muito parecido com o ciclo contínuo de sangue por todo o organismo. Nesse ciclo, o Sol talvez faça o papel de coração, pois é o agente bombeador de água no planeta. Como nos animais e vegetais, a água na Terra percorre todos os seus lugares. A vida só é possível com um mínimo de umidade. Vida, água e sangue são quase sinônimos. Além disso, a composição da água do mar lembra muito a do plasma sanguíneo.

E a respiração? A Terra respira? Mais uma vez, vamos voltar ao homem. O que é sua respiração?

É uma forma de captar substâncias essenciais e disponibilizá-las para distribuí-las a todas as suas micropartes. Na Terra, o principal agente captador de substâncias externas é sua película vegetal. As plantas absorvem energia solar e esse é o "ar" que a Terra respira. Essa energia fica então disponível e circula por todo o organismo da Terra, através da intensa cadeia alimentar entre vegetais, animais e humanos.

Considerar a Terra um ser vivo, na verdade, implica duas coisas: considerá-la viva, o que não parece muito improvável, e considerá-la um ser, o que pode parecer mais difícil.

Para lançar um pouco mais de luz sobre esse assunto, é preciso primeiro conceituar o que é um ser. A existência de um ser pressupõe a existência de uma consciência independente. Pressupõe também uma existência relativamente independente, facilmente constatada em cada um destes aglomerados: planetas, sistemas solares, galáxias.

O problema da existência ou não da consciência é bem mais complexo, pois está em uma esfera onde a ciência e



Nossa sobrevivência depende diretamente do Sol e da Terra: apenas o que tem vida pode doar vida. Foto de Bia Paes de Barros

a lógica elementar não podem ajudar muito. Está em um plano alcançável somente pelo coração profundo.

Quando olhamos para animais selvagens em seu habitat natural, nossos corações se enchem de afeto, e sentimos que existe alguma irmandade entre tais animais e nossos seres. É por isso que sentimos não ser justo maltratá-los. Nós os reconhecemos como seres vivos. De alguma forma, são nossos semelhantes ou pelo menos têm alguma semelhança conosco.

Pode parecer estranho, mas um sentimento análogo pode ser percebido quando assistimos às imagens belíssimas, mostrando estrelas e galáxias. Da mesma forma, nosso peito fica repleto de encantamento.

É muito difícil a mente racional aceitar isso, mas nosso coração profundo reconhece certa irmandade nossa com planetas, estrelas e constelações. Afinal, quem não se encanta com a visão de uma noite estrelada?

Não é por outro motivo que os egípcios chamavam o Sol de deus Rá, elevando-o a uma categoria ainda acima de um mero ser vivo. Já os gregos o chamavam de Hélios e os hindus, de Surya.

Os gregos denominavam a Terra de Gaia, a mãe Terra, a potencialidade geradora da mãe universal. Em inúmeras culturas de diferentes épocas e latitudes do planeta, fato semelhante ocorre. Os astros celestes sempre foram considerados seres vivos e mais que isso, deuses. Seria mera superstição de selvagens incultos? Ou será que esses seres ancestrais eram capazes de perceber a sutil semelhança entre a vida que habita cada um de nós e a exuberância magnífica dos planetas e estrelas?

Responder a essa questão: "São os planetas seres vivos?" talvez seja tão difícil e importante quanto responder a outra pergunta que fizemos inicialmente: "O que somos nós, seres humanos? Que tipo de vida abrigamos?"

Se formos bem honestos, perceberemos que nem mesmo para essa pergunta temos uma resposta plenamente convincente, algo que deixe nossa mente e nosso coração profundo

completamente satisfeitos. Isso porque, dentro de nós, existe um potencial de vida, de consciência e de amor que ignoramos inteiramente. Perceberemos que, assim como ocorre em relação aos planetas, sabemos muito pouco acerca de nós mesmos. Mas a ironia é que, somente alargando nosso horizonte interno, a profundidade de nossa visão sobre nosso ser, seremos capazes de ganhar a perspectiva necessária para compreender quão imenso é o nosso Universo.

Mas esse fato também não era desconhecido por sábios do passado. Hermes Trismegisto já dizia: "O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para realizar os milagres de UMA ÚNICA COISA".

*Lá no alto, vejo estrelas, no fundo escuro do mundo.
Como pode, tão longe e tão perto,
No centro do meu SER,
No centro do universo?*

*Lá longe, percebo a vida, na imensidão dos mistérios,
Na respiração dos planetas.
Quem vive, quem morre,
Na grande dança do etéreo?*

*Lá distante, bem adiante,
No lugar que meus olhos não podem focar,
Que meus ouvidos não podem tocar,
E o meu toque não pode escutar.*

*No fundo do profundo,
Na possibilidade de outros mundos,
Há a vida que pulsa e me impulsiona a pensar
Que imenso o desconhecido... Qual o meu lugar?*

*Vivo no coração desta canção
Que vibra em cada nota do pulsar,
Do mesmo Autor que fez o vazio, o amplo,
O raso e o fundo, que me faz pensar.*

*Onde posso morar,
Se respiro no tom desta canção?
Pertencço ao distinto lugar das estrelas,
Lugar a que hei de voltar.*

FIM... COMEÇO...



O MAIOR OBJETIVO

Márcia Kondratiuk

Houve um tempo, na infância, em que eu acreditava que o maior objetivo da vida era ser independente, para fazer o que quisesse; cresci e vi que não era nada disso.

Mais tarde, houve um tempo em que acreditava que o maior objetivo era encontrar o homem ideal, e ele me amaria tanto que os conflitos da vida desapareceriam, mas vi que não era nada disso.

Passei a acreditar que o máximo a ser conquistado era uma família com muitos filhinhos, uma casa com jardim e todos reunidos em volta de uma mesa; depois vi que não era bem assim.

Houve um tempo em que acreditava que a meta suprema era, sem dúvida, estudar, e mergulhei nos livros; mas logo vi que os livros não me davam a liberdade que eu buscava.

Acreditei, então, que o objetivo supremo estava na arte, em me dedicar à contemplação do belo e virar as costas para os problemas; mas não tardei a descobrir que não era assim.

Outras fases vieram em que acreditava que minha felicidade estaria em uma comida gostosa, no prazer de namorar, na compra de coisas bonitas, em ser elogiada; mas só o que ficava era um gosto de vazio.



Nascimento de Vênus (detalhe), de Botticelli

Então houve um tempo em que ficou claro que o meu verdadeiro objetivo era o sucesso, e trabalhei muito e me socializei para ter respeito e afeto; mas vi que não era isso também.

O tempo passou sobre todas essas fases... E então, a felicidade, que é o maior de todos os objetivos, finalmente me achou. Não podia encontrá-la em nenhuma das coisas que vivi, porque ela não estava em nenhuma delas; estava sempre *por trás* de todas as minhas experiências, boas ou más, esperando, pacientemente, que eu desistisse de ir caçá-la lá fora e me dedicasse ao meu ser.

Bem, deixei enfim que ela me pegasse, e hoje a felicidade é uma amiga tão legal que não me impede de fazer absolutamente nada de que eu tenha vontade. Posso ter sucesso se quiser, mas se não tiver, ela está aqui comigo. Posso amar, comer, estudar ou dormir, não importa; ela não sai do meu colo. Parece um exagero poético, mas não é: fui caçada pelo amor, ou, em outras palavras, o maior objetivo da felicidade era eu.

REFLEXÕES SOBRE O TEXTO BÍBLICO “LIVRO DE TOBIAS”

Equipe da revista: Carmem Sílvia de Carvalho, Maria Aparecida De Stefano, Renato Batata, Heloisa Margarido, Elisa Yoshimura, Márcia Kondratiuk, e a participação especial de Saul Nahmias

Tobit, o futuro pai de Tobias, é o exemplo de um homem que viveu plenamente os mandamentos “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Ainda muito jovem, ele foi levado para o cativeiro, juntamente com seu povo, por Salmanasar, rei dos assírios. “Embora cativo, nunca abandonou o caminho da verdade.” Enquanto todos iam adorar os bezerros de ouro, apenas ele fugia para o templo do Senhor Deus de Israel, em Jerusalém, para adorar o Deus Único.

Quem consegue caminhar sozinho na direção contrária à maioria das pessoas, ainda mais sendo tão jovem e inexperiente? Quem consegue verdadeiramente colocar o Divino em primeiro lugar em seu coração e sua vida, acima de seus apegos, paixões, desejos, ilusões?

“Tudo aquilo de que podia dispor, distribuía cada dia a seus irmãos de raça, que partilhavam com ele sua sorte de cativo.”

Quem consegue ver no outro seu irmão e busca ajudá-lo de todas as maneiras, sem nenhum interesse?

“Quando se tornou adulto, desposou uma mulher de sua tribo, chamada Ana, da qual teve um filho, a quem deu o nome de Tobias. Ensinou-lhe desde a mais tenra idade a temer a Deus e a se abster de todo mal.”

Esse menino é o melhor dele mesmo, é a essência luminosa de seu ser profundo.

“Desse modo, quando chegou com sua mulher e seu filho, como cativo, no meio de sua tribo, à cidade de Nínive, embora todos os outros comessem dos alimentos dos pagãos, guardou sua alma pura, e jamais contraiu mancha alguma com seus alimentos.”

Quem escolhe conscientemente o alimento divino e recusa o alimento mundano?

“E porque ele conservava com todo o seu coração a lembrança do Senhor, Deus tornou-o simpático ao rei Salmanasar, que o autorizou a ir aonde quisesse, e a fazer o que quer que lhe agradasse. Foi um dia a Ragés, Cidade da Média, com dez talentos de prata que o rei lhe tinha dado. Encontrando entre a multidão de seus compatriotas um homem de sua tribo, chamado Gabael, o qual se achava em dificuldades, deu-lhe a sobredita quantia de prata, mediante um recibo.”

“Passou o tempo; Salmanasar morreu e Senaquerib, seu filho, sucedeu-lhe no trono. Ora, Senaquerib odiava os israelitas. Tobit ia diariamente visitar toda a sua parentela, consolava-a e distribuía dos seus bens a cada um, segundo as suas posses. Alimentava os famintos, vestia os nus, e, com uma solicitude toda particular, sepultava os defuntos e os que tinham sido mortos.”

Quando o rei Senaquerib mandou assassinar um grande número de israelitas, Tobit – contra a vontade do rei e correndo risco de vida – sepultou os seus cadáveres que estavam abandonados pelas ruas da cidade.

Impedir que mortos sejam enterrados pode ter dois significados: o apego ao corpo físico, ou seja, à forma, e

também o hábito de carregar todo o peso do passado. Tobit se empenha justamente na direção contrária. Ele está sempre morrendo para este mundo, pois seu verdadeiro amor não é desta terra.

Nesse ínterim, Tobit fica cego e passa a ser sustentado pelo trabalho de sua esposa, uma hábil tecelã. Ela luta com dificuldade e se revolta. Ele, entretanto, mesmo mergulhado em trevas, mantém uma confiança inabalável em Deus.

A cegueira de Tobit tem mais de um significado. É uma prova muito difícil, que irá medir a força de sua fé em Deus, e é, também, o mergulho na noite escura da Alma, como diria San Juan de La Cruz, um profundo recolhimento em direção ao cerne do SER. Ele claramente está em outro ponto da espiral evolutiva.

Chega então o momento em que seu filho, o melhor dele mesmo, precisa entrar em cena. Tobit o encarrega de uma missão difícil: viajar até a Média para receber o empréstimo que fizera há tempos a seu parente Gabael. Mas Tobias é muito jovem e inexperiente e precisará de toda a ajuda possível. Onde encontrar alguém apto a acompanhá-lo? Então o anjo Rafael, disfarçado de israelita, é enviado por Deus para guiar, instruir e proteger o filho bem-amado de Tobit.

Assim, o jovem começa a viagem acompanhado do anjo e de seu fiel cão. A primeira parada se dá às margens do rio Tigre. Quando Tobias entra no rio para lavar os pés, eis que um enorme peixe se lança sobre ele

para devorá-lo. Então o anjo Rafael ensina o rapaz a pescar o peixe, a abri-lo e a guardar o coração, o fel e o fígado, que servirão futuramente de remédios muito eficazes. Ele assim o faz. A seguir, prepara cuidadosamente o restante do peixe para servir de alimento durante toda a viagem.

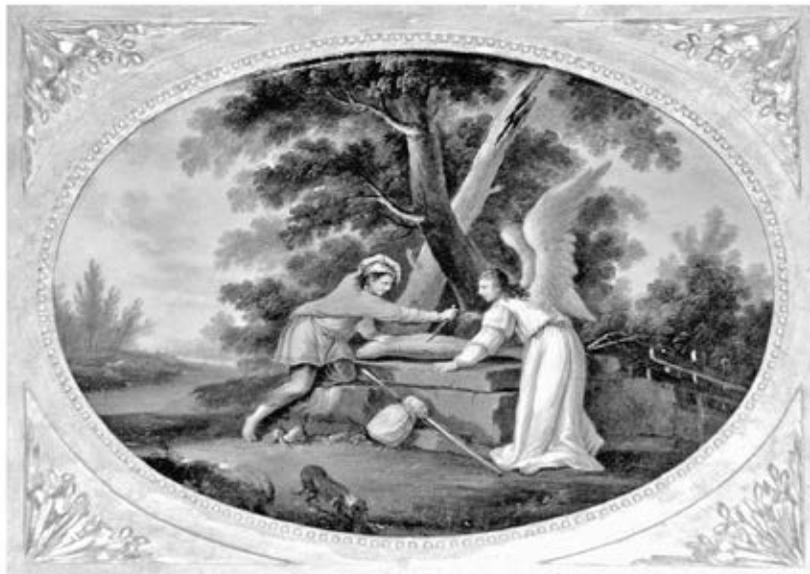
O peixe pode ser compreendido como um símbolo de nossa energia sexual, a mais fina de nossas energias. Uma parte dela é extremamente curativa, e a outra pode nos alimentar durante toda a nossa existência. A energia sexual precisa ser vivida com luminoso e profundo conhecimento interior, senão será gasta apenas na busca incessante de reprodução e prazer. É essa mesma energia que tem o poder de nos elevar em direção à nossa origem divina.

Longe dali, Sara, uma jovem e bela mulher, sofre a vergonha e a solidão de sete casamentos que nunca se concretizaram, pois todos os seus maridos morreram misteriosamente na noite de núpcias, antes de possuí-la. Ninguém sabe que o demônio Asmodeu, apaixonado por ela, é o autor dessas mortes.

Essa virgem é o melhor do feminino, o suprasumo do feminino, desejado por todas as forças do universo.

Só aquele que a libertar do jugo do demônio da forma e do ego e do mundo da sobrevivência poderá possuí-la. Ela não pode ser corrompida, maculada pelo toque de um ser inferior, ou seja, do mundano. É o feminino perfeito que só poderá se unir ao masculino perfeito.

A jovem é o melhor de Ana, a



O anjo Rafael ensina Tobias a abrir o peixe. Imagem da Igreja de Vilar de Frades, Braga, Portugal



O anjo Rafael ensina Tobias a pescar o peixe. Pintura de Giovanni Gerolamo Savoldo, 1527

mãe de Tobias, a tecelã que agora é responsável pelo sustento da família. Tobit e Ana agem no mundo exterior sob a luz divina, permitindo que o melhor deles possa se unir e ascender na única jornada interior que realmente interessa. Tobias e Sara são filhos do Ser profundo, suas ações são de outro mundo, de outro nível, do invisível.

Por que Tobias é guiado por um anjo e Sara é aprisionada por um demônio? Apenas o céu pode resgatar a terra e transformar o inferno em paraíso.

Tobias e Sara foram destinados um ao outro, mas, para se unirem, nosso herói precisa primeiro vencer o demônio e resgatar a jovem de seu jugo. O anjo Rafael mais uma

vez o orienta, dizendo: "Ouve-me, e eu te mostrarei sobre quem o demônio tem poder: são os que se casam banindo Deus de seu coração e de seu pensamento, e se entregam à sua paixão como o cavalo e o burro, que não têm entendimento".

Assim os dois jovens se casam. Na noite de núpcias, Tobias, sempre fiel às instruções do anjo, tira de seu alforje uma parte do fígado e do coração do peixe e os coloca para assar sobre brasas. "Nesse momento, o anjo Rafael tomou o demônio e prendeu-o no deserto do Alto Egito."

Depois Tobias encorajou a jovem com estas palavras: "Levanta-te, Sara, e roguemos a Deus, hoje, amanhã e

depois de amanhã. Estaremos unidos a Deus durante essas três noites. Depois da terceira noite consumaremos nossa união; porque somos filhos dos santos (patriarcas) e não nos devemos casar como os pagãos que não conhecem Deus.”

Após esse período, para não se ausentar durante as comemorações e honrar a esposa e os sogros com sua presença, Tobias pede mais um favor ao seu guia: que ele vá, em seu lugar, receber o empréstimo de Gabael, seu parente, e o traga também à festa do casamento como convidado especial.

Os dias se passam e chega o momento em que o jovem casal, guiado pelo anjo Rafael, inicia a viagem de volta para casa, onde Tobit e Ana esperam ansiosamente o retorno do filho bem-amado.

Eles tomam o caminho levando os bens referentes ao rico dote de Sara: servos e servas, rebanhos, camelos, vacas, e grande soma de dinheiro. À frente da caravana segue alegremente o fiel cão de Tobias, que, saltitante e abanando o rabo, será o primeiro a chegar.

A viagem ocorre sem maiores transtornos. Ora, Rafael tinha dito a Tobias: “Logo que entrares em tua casa, adorarás o Senhor teu Deus e dar-lhe-ás graças. Irás em seguida beijar teu pai, e pôr-lhe-ás imediatamente nos olhos o fel do peixe que tens contigo. Sabe que seus olhos se abrirão instantaneamente e que teu pai verá a luz do céu. E, vendo-te, ficará cheio de alegria.”

“Ver a luz do céu” significa que Tobit adquiriu uma nova visão, sem as barreiras do mundo visível, do mundo material.

E assim aconteceu. Após essa viagem tão segura e feliz, Tobias e seu pai ofereceram ao misterioso guia, em agradecimento, a metade de todos os seus bens. Este recusou o pagamento e, finalmente, se revelou em toda a sua graça, poder e beleza.

O pai e o filho ficaram fora de si, e, tremendo, prostraram-se com o rosto por terra. Mas o anjo Rafael disse-lhes:

“A paz seja convosco: não temais. Quando eu estava convosco, eu o estava por vontade de Deus: rendei-lhe graças, pois, com cânticos de louvor. Parecia-vos que eu comia e bebia convosco, mas o meu alimento é um manjar invisível, e minha bebida não pode ser vista pelos homens. É chegado o tempo de voltar para aquele que me enviou: vós, porém, bendizeis a Deus e publicai todas as suas maravilhas.”

Acabando de dizer estas palavras, desapareceu diante deles, e eles não viram mais nada.

Tobit e Ana ainda viveram muitos anos ao lado de Tobias e Sara e viram os filhos de seus netos crescerem fortes e saudáveis. Antes de morrer Tobit previu a destruição de Nínive, a libertação do povo de Israel e a reconstrução de Jerusalém, a cidade santa:

*“Suas portas serão reconstruídas com safiras e esmeraldas,
Seus muros serão inteiramente de pedras preciosas,
Suas praças serão pavimentadas de mosaicos e rubis,
E em suas ruas cantarão: Aleluia!
Bendito seja Deus que te restituiu tal esplendor!
Que ele reine sobre ti eternamente!”*

Nossa Alma, a Jerusalém Celeste, à medida que é libertada das correntes da vida humana, começa a manifestar o esplendor de sua sabedoria, força e beleza, trazendo Luz para este mundo tão conturbado e infeliz.

Depois da morte de sua mãe, Tobias partiu de Nínive com a mulher, os filhos e netos, e voltou para a casa dos sogros. Teve para com eles todas as atenções, e fechou-lhes os olhos. Viu os filhos de seus filhos até a quinta geração e morreu com alegria, amado tanto por Deus como pelos homens.

Essa história é de uma beleza comovente e ficamos muito contentes de poder compartilhá-la com nossos queridos leitores.



OCTOPUS

MOCK

Não... Não é mais possível viver neste mundo onde tudo é simulacro e mentira. Não posso viver estilhaçada em mil fragmentos do que querem que eu seja: consumidora, bonita, feia, simpática, esquisita, velha, boazinha... Definitivamente isto não é a vida. Mas onde ela está? Sou como um octópode que utiliza só um de seus tentáculos, numa pobreza total, tateando o mar.

Saio para caminhar e decido fazer uso dos instrumentos de vida que vêm sendo jogados no meu colo durante meses, anos. Eu tenho um corpo. Volto minha atenção para o corpo sem pensar em nada, sem nenhuma expectativa a não ser ouvir o que tem a me dizer. Estou apoiada por uma contagem mental: um, dois, três... Decido contar até uma centena sem me distrair dessa intenção, sem enveredar por uma rede de pensamentos úteis ou inúteis que me afastam da sensação viva. Parece impossível, mas tentarei.

As sensações vão chegando... Surgem de todas as partes de mim, sem se atropelar, mas são tão rápidas e fugazes que ocupariam uma centena de páginas... Sinto meu pé, o pescoço, a barriga, o ar entrando nas narinas, uma coceirinha, um cheiro, uma contratura, um calor, o movimento das pálpebras... Tudo se sucedendo como uma cascata de percepções, chamando-me para o corpo. Isto é muito real. Tenho vivido hipnotizada pelo mental, da mesma forma que uma criança que, ao descobrir a televisão, abandona a delícia cheia de riscos que é brincar.

Noventa e nove, cem... Consegui. Recomeço, agora até os duzentos, trezentos... Não é impossível. Bastou uma intenção clara. O interessante é que, estando atenta às sensações do corpo, não deixei de receber nenhuma das impressões oferecidas do exterior: o jeito de andar daquele homem, uma combinação rara de estampas, aquela mulher que eu conheço e que está fazendo um lindo trabalho com as plantas do parque... Todos os registros são feitos normalmente, eu posso cumprimentar, olhar, pensar... Mas o corpo não se eclipsou. Sem contar os inúmeros registros subconscientes que foram feitos cada vez que o tato lhe mandou uma informação da aspereza de um tronco espinhoso, do peso quase imperceptível de uma folha na palma da mão, de um cheiro e mil outras coisas indizíveis. Tudo registrado, alimentando uma inteligência que não se vê, mas que se manifestará quando for chamada.

O exercício da contagem terminou e eu caminho simplesmente, sentindo um bem-estar em todo o corpo. Mas a sensação que foi despertada não se retira, ela permanece comigo. O corpo pede este ou aquele movimento e eu obedeco. Ele gostou da vertigem que é sentir. Vou como uma criança que não resiste à tentação de tocar nas plantas e nos muros, e se houvesse alguma poça d'água, com certeza meus pés iam querer senti-la... Voltei a mergulhar na vida, a televisão do mental temporariamente desligada.

O que vem depois? Um corpo desperto para suas sensações, uma testemunha atenta aos pensamentos que fluem incessantemente, um coração que não para de sentir alegrias e dores sem conta, mas que não se envergonha disso e aceita tudo que vem simplesmente. Interessante é que vivificar a faixa das sensações fez com que as outras faixas acordassem também. Despertou em meu peito um carrossel de emoções vibrantes e doloridas, que também desejam viver. Agora tenho de lidar com três dos meus tentáculos, em movimento pelos mares da vida... As alegrias como as dores multiplicaram-se por três; os pensamentos estão vívidos e férteis, ousando raciocinar sobre o impensável, empurrando-me para fora do padrão... Tudo berra em mim como o primeiro sopro dos pulmões. Tudo é penosamente nítido, não há mais borrões conceituais. Já fazia tanto tempo que eu havia esquecido que viver é muito dolorido... Mas... Sim... A vida é real. A vida é um portal?



POESIAS

- Poema
 - Generosidade real
 - O fogo resplandecente
 - Oração da Misericórdia
- 

POEMA

Guilherme Albert Vigar Hahne

A semente se lembrou,
Num solo fértil
Abriu e desabrochou.

Se algum dia se desviar,
O Semeador não a abandonará.
As mãos Dele sempre guiarão
Aquilo que foi entregue à Sua proteção.

Feliz numa Escola se encontrar,
E depois de tanto laborar
No meio do seio
Encontrar o Lar.

O coração enfim acordou.
Num silêncio escuro,
Atrás da razão,
Onde Deus em sua vastidão tudo criou.



GENEROSIDADE REAL

Gineton Alves Medeiros

A vida é generosa,
não depende da idade,
na prática, além da prosa,
busco a generosidade.

A mão aberta na aparência
é jogo equivocado,
no medo sou a carência,
meu destino é ofuscado.

Na doação generosa,
sem interesse ou temor,
a troca criteriosa
é o mistério do amor.

A presença no presente
é o portal do florescer,
a confiança crescente
é a razão do meu viver.

Na senda desse caminho,
o salário é invisível.
Com a pérola do carinho,
tudo isso é possível.

E cada passo sofrido
do outro me aproxima;
esse prêmio tão querido
é o milagre que anima.

Além da sobrevivência,
na fonte sou a essência,
enfrento toda carência,
sou filho da consciência.

Como eterno aprendiz,
sem medo de abrir a mão,
tenho tudo pra ser feliz,
mesmo até na contramão.

E esse supremo servir
tem o salário da graça,
a esperança de sentir
o amor que nos abraça.

No corpo, danço e canto,
no deleite rejuvenesço,
na alma brota encanto,
minha vida sai do avesso.

É dual toda palavra,
temos dupla cidadania,
na terra a agente lavra,
da noite nasce o dia.

Comunicar é do mental,
a alma faz a comunhão;
na generosidade real,
sou filho da amplidão.

O FOGO RESPLANDECENTE

Maria Aparecida De Stefano

A criança que foi vibrante,
Dos folguedos e risos, amante,
Foi aos poucos perdendo a luz,
Dispersa em tudo que seduz.

Da família, herdou apelidos,
Da escola, múltiplos castigos,
Quantos conceitos nela inculcados,
Quantos pesares nela infligidos.

E no ser que outrora brilhara,
Cinzas de morte se depuseram;
Mágoas, raivas, medos, aflições,
Quantos fantasmas e aparições.

Um dia, na calada da noite,
Um anjo amigo veio se mostrar,
Sussurrando-lhe ao pé do ouvido,
Sons de conforto e bem-estar.

Daí em diante, todos os dias,
Do silêncio, se torna amante,
Vai encontrá-lo por todas as vias,
Purificando as ditas cinzas.

E que surpresa alucinante!
Embaixo da borralha cintila
O fogo da essência da Vida,
De uma beleza fulgurante.



ORAÇÃO DA MISERICÓRDIA

Mariett Rozner

Misericórdia, Deus Vivo,
 Misericórdia, Deus Imortal,
 Tem Misericórdia de nossa ignorância, ó Flamejante Lucidez!
 Tem Misericórdia de nossa ingratidão, ó Criador!
 Vives exilado de nós, amargos mortais concupiscentes.
 De tanto recusar Teu rico banquete,
 Ignoramos Teu Alimento Restaurador, ó Generoso Provedor!
 Senhor, Teu Nome é sempre doce em nossos lábios!
 Mas o pronunciamos em vão porque esquecemos seu Significado...
 Reinas em Esplendor entre os Querubins e em Todo o Universo, mantendo as órbitas dos mundos, em
 uma precisão macrocós mica inexorável, reinas no mundo diminuto do qual fazemos parte,
 Circulas nos mínimos capilares enriquecendo nosso sangue,
 Inspiras e expiras o ouro da leveza em nossos pulmões com terno afeto,
 E insensíveis às Tuas Maravilhas não sentimos Teu Paternal Cuidado,
 Estamos cegos e surdos! Misericórdia, ó Eterno Amantíssimo!
 Depositas a Paz Celeste nos momentos de Serenidade, ó Luz Celeste!
 Derramas Tuas Graças incansavelmente,
 ó Benevolente!
 Perfumas com Tua Presença nossos breves dias, ó Bálsamo Inigualável!
 E esquecemos Tua Glória ao primeiro desejo que brota de lugar nenhum.
 Perdoa-nos!
 Partilhas conosco o extasiante sabor da Tua Plenitude, ó Eterno Doador!
 Envia a caridosa Mãe Noturna para embalar nosso sono, ó Clemente!
 Lavas nossas mesquinhas com o Jorro do Vazio, ó Sustentador!
 E trôpegos de desejos e vaidades inúteis não voltamos o coração para Ti...
 Somos os mais infiéis da Tua Criação!
 Misericórdia!
 Rompe, ó Pai Verdadeiro, rompe as cadeias que nos atam às iguarias do sonífero mundo! Rompe essa
 brutal Roda de Samsara na qual dançamos freneticamente vida após vida!
 Liberta-nos da Ilusão da autoimportância e do prazer efêmero, ó Onipotente!
 Restaura em nosso coração a preciosa joia do Eu, ó Magnânimo!
 Abre os Portais da Bem-Aventura de Tua Presença aos Justos, ó Elixir de Vida!
 Fortalece os passos dos que cumprem Tua Vontade aqui na Terra como no Céu, ó Pai Perfeito e Eterno!



TAROT

da Alquimia

- Consulta ao Oráculo
 - Carta nº 13 – “Engolindo o próprio filho”
 - Carta nº 14 – “A ressurreição”
 - Carta nº 15 – “Trinus et unus”



CONSULTA AO ORÁCULO

Márcia Kondratiuk

"Quieto, resoluto, impecável, o homem oferece sua semente para o surgimento de uma nova vida."

Tenho uma pequena luz aqui, e é tudo de que preciso. Tudo está conectado. Há uma trama que desconheço e que se chama a minha vida dentro da Grande Vida. Ela está fora do meu ser, mas é produto dele como o fio tênue que sai da aranha, dentro da Teia maior. Para me orientar nessa viagem, busco respostas do Tarot a pequenas grandes questões: o que seria melhor fazer? Tantas possibilidades para o homem, mas em um tempo finito.

Minha consulta se refere ao sucesso de uma ação específica no campo profissional. Mas pode o Sol iluminar apenas o buraco da agulha em que você quer enfiar uma linha? Não! Invoque o Sol e ele vai iluminar a Terra inteira além do seu burquinho. Na mensagem do Oráculo estão contidos: a postura a adotar, como enfrentar as dificuldades, a que princípios obedecer.

"Quieto, resoluto, impecável, o homem oferece sua semente para o surgimento de uma nova vida."

Cada termo da mensagem vai aos poucos se abrindo à compreensão. Ser "quieto" neste caso é fazer sem alarde, com modéstia, naturalmente. Ser "resoluto" é fazer sem

hesitação, aceitar as condições, ser paciente com os contratempos, criativo para encontrar soluções, diplomático, disposto a aprender. E ser "impecável" é me colocar na ação sem grudar nela, não perder o senso crítico, não esquecer a relatividade de tudo e, ainda assim, desempenhar do melhor modo possível, respeitando o espaço e o conhecimento dos outros.

Sem que eu pergunte, o Oráculo me revela também o sentido da ação. Esquecemo-nos de que nada existe que não tenha tido uma origem, uma causa e um desenrolar, assim como não há nada, por mais insignificante que seja que deixe de produzir fatos nascidos de sua causa, com outro desenrolar. Como um guia de cegos, o Oráculo me aponta o local exato da trama onde se situa a ação pretendida. Fazer da forma como foi indicado pode gerar "a semente para uma vida nova". O que é uma semente? Ela pertence à categoria dos eventos que por si só não têm importância alguma, mas que depois, revelando-se as consequências, será possível reconhecer como tendo sido pequenos grãos nos quais estavam contidas grandes árvores. Alguns eventos em nossa vida, algumas pequenas ações são como sementes. Deles pode brotar algo muito maior, que terá chance de se desenvolver ou não, dependendo de vários fatores.

O Oráculo fala em "nova vida" e é curioso, porque nunca pensamos em uma mudança de Ser quando fazemos uma consulta; pensamos já saber tudo sobre como somos e do que somos capazes. Não percebemos que, ao realizar uma dada ação "da forma como foi recomendado", nos tornamos necessariamente outra pessoa, uma vez que estamos colocando em movimento elementos surgidos de um esforço consciente! A ação consciente nos transforma. Não acreditamos nessa possibilidade, não acreditamos que uma "Ressurreição" esteja ao nosso alcance. Os efeitos gerados pela atitude profissional, por sua vez, estarão plantando sementes em todos os outros campos do existir. Assim, se começo a entender minha vida por este viés ou por outro qualquer, tanto faz, pois estamos falando de uma única trama onde tudo se conecta. Posso fazer todo o meu percurso, então, não mais na escuridão, mas na luz que vem do Sol da verdadeira consciência que o Oráculo me ajuda a acessar.



TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 13 – “ENGOLINDO O PRÓPRIO FILHO”

A jornada do homem assemelha-se à parábola do Filho Pródigo. Deus Pai, que nos criou, também nos deu liberdade para nos afastarmos de nossa origem celeste. Somos enviados para este mundo, no qual atuaremos a partir de cinco funções principais ou centros – mental, emocional, motor, instintivo e sexual. Mas Ele nos envia apenas para que um dia voltemos à Sua morada, pois o Filho é a causa de sua alegria. Então, com a mesma boca com que no sopro inicial deu-nos o influxo de vida, o Pai nos sorverá de volta quando nós, que andávamos perdidos nos desertos da vida, retornarmos à casa paterna por espontânea vontade. Quando finalmente nos dermos conta de que nossos cinco centros atuam neste mundo sem estar separados do Pai que lhes deu origem, e de que é dele que recebem todo o sustento e as benesses, nesse momento poderemos consagrar nosso mental, emocional, energias vitais, todo o nosso corpo psíquico a esse Pai amoroso que aguarda que nos voltemos para Ele.

Se ao consultar o Tarot, você recebeu como sugestão a Carta nº 13, saiba que recebeu o verdadeiro mapa da jornada humana: devotar todas as nossas funções terrenas à nossa Alma. Não há missão mais nobre para o homem.



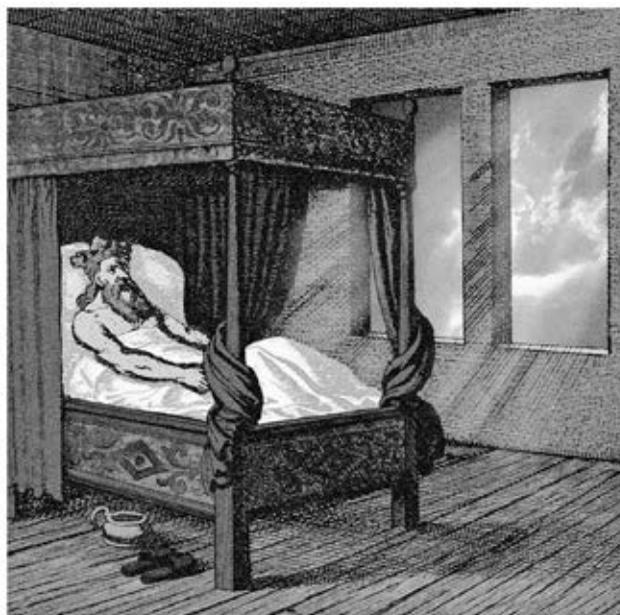


TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 14 – “A RESSURREIÇÃO”

Quando o filho pródigo retorna ao Pai que o criou, é por Ele reabsorvido e mergulha em um universo pré-natal, um universo ainda não criado, pleno de todas as possibilidades. Esse vazio não é a morte. Ele é, antes, como o sono profundo, em que nos despojamos temporariamente das ferramentas que servem ao nosso mundo físico e psicológico. Tudo o que somos verdadeiramente jaz em estado latente durante a paz do sono. Nada se perde, mas somos purificados e alimentados por “uma fecunda chuva de prata pura e verdadeira” com que a Alma nos brinda a cada noite. Porém, inconscientes que somos, deixamos escorrer por entre os dedos essa possibilidade de renascer como um Homem Novo, com um nível de consciência mais elevado. O nosso coração espiritual é regado, quando nos entregamos ao sono profundo e também à prática do recolhimento com a consciência desperta. Através dessa fina chuva que nos banha do Alto, podemos ser transformados, passar da morte para a vida, a cada dia, cada momento.

A Carta nº 14 refere-se a um ciclo concluído e à passagem para o ciclo seguinte, não por meio de uma mudança gradual, mas após a necessária morte daquilo que não serve mais. Se esse foi o recado do Oráculo a você, decida-se de uma vez por todas: a quem ou a quê se consagrar.





TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 15 – “TRINUS ET UNUS”

Sim, ele é o Mestre: nosso coração, o Centro do Sentimento, com seu “manto que parece sangue”, é o único que pode nos levar à religação (Religião = religare) com a Alma. Para compreender, precisamos ver o nosso Eu em perspectiva. Quando habitualmente dizemos ‘eu’, estamos situados no nosso corpo psicológico, ou seja, na parte superficial do Eu: é minha mente, são minhas emoções e meus conceitos, é a autoimagem dizendo ‘eu’. Mas, se essas maravilhosas funções que adquirimos ao nascer são como rios que correm fecundos nesta vida, a nascente única de todos eles é a Alma incorruptível, esposa do Divino. Mas os rios que correm sem cessar nunca olham para trás e, assim, nos separamos daquela que é a nossa Fonte primeira. Felizmente, vive em nós o Mestre Coração, que pode unir o que a Vida separou. Pelo sentimento, e não pelo mental, a Fonte se une a seus rios. As funções dos centros se redirecionam, então, para enaltecer e honrar nossa Alma, e juntas, “em tudo e de várias formas, produzem frutos incontáveis que em tempo algum podem perecer, nem de alguma morte, morrer”.



A Carta nº 15 soa para você como os sinos de uma catedral, chamando para uma religação com um centro interno sagrado, que está sempre aí, esperando para ser visitado. Ouça os sinos do coração!



CONTOS DA TRADIÇÃO SUFI

- Diálogo entre Mahmud e o ancião
- Uma noite na vida do sheik Bayazid
- Outra pequena história alegórica
- Conversa de Moisés com Satanás
- História de um Sufi
- Uma pequena história de amor
- O discípulo e seu mestre

DIÁLOGO ENTRE MAHMUD E O ANCIÃO

Um ancião de longas barbas brancas e bom coração viu, uma noite em sonho, o poderoso sultão Mahmud e lhe disse:

– Ó rei afortunado! Como são as coisas no reino da eternidade?

O sultão respondeu:

– Deixa minha alma em paz, não digas mais nada e retira-te, pois aqui não deves falar de realeza. Meu poder foi ao mesmo tempo ilusório e culpável, vaidade e orgulho, ignorância e ilusão. Como poderia a soberania elevar-se de um vil punhado de terra? O verdadeiro e único poder pertence a Deus, o Senhor do Universo. Agora que posso ver minha debilidade e impotência, tenho vergonha de minha realeza. Se queres dar-me um título, chama-me “o desolado”. Chama-me “Mahmud, o escravo”.



O contador de histórias

UMA NOITE NA VIDA DO SHEIK BAYAZID

Certa noite o sheik Bayazid saiu a passeio pela cidade e encontrou por todos os lugares um silêncio profundo. Ora, a lua cheia iluminava o mundo e, por seu resplendor, tornava a noite brilhante como o dia. O céu estava coberto de estrelas e cada uma cumpria sua função neste magnífico espetáculo.

O sheik andou por muito tempo através dos campos sem encontrar ninguém ou o menor movimento. Então, muito comovido, ele disse:

– Senhor, sinto uma profunda tristeza em meu coração. Por que uma corte tão sublime como a Tua está sem adoradores?

– Não te admires, respondeu-lhe uma voz interior, o Rei não dá acesso a todo mundo em Sua corte. Sua dignidade não Lhe permite receber mendigos à Sua porta. Quando o santuário de nosso esplendor irradia sua luz, afasta os negligentes adormecidos; os que serão admitidos nesta corte esperam pacientemente durante anos inteiros, até que um dentre mil possa entrar.

OUTRA PEQUENA HISTÓRIA ALEGÓRICA

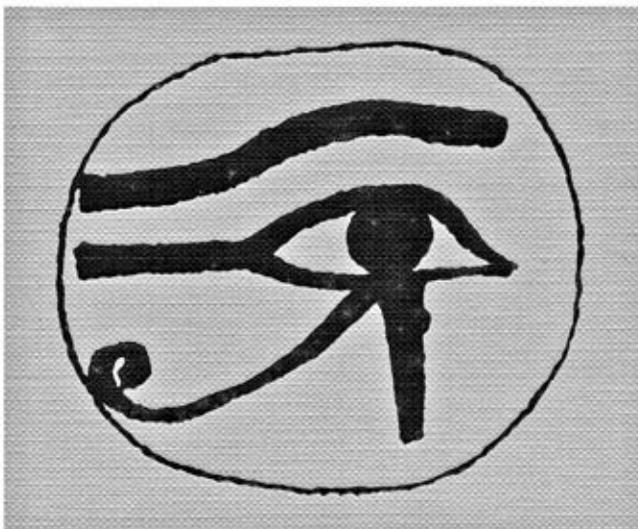
Um jovem queimava despreocupadamente um pedaço de madeira de aloés, e o delicioso perfume que exalava do fogo fê-lo suspirar de satisfação. Um homem experiente aproximou-se e disse: “Queima-se a madeira para fazer-te suspirar de puro deleite. Teu suspiro quer dizer êxtase, mas pensa na madeira, cujo suspiro expressa dor.”



Foto de Renato Batata

CONVERSA DE MOISÉS COM SATANÁS

Deus pediu um dia em segredo a Moisés: "Pede um conselho a Satanás". E Moisés assim o fez. O misterioso personagem respondeu: "Recorda-te sempre deste único axioma: não digas 'eu', para não te tornares como eu".



O Olho da eternidade. Imagem da mitologia egípcia

HISTÓRIA DE UM SUFI

Um sufi viajava para Bagdá quando, no meio do caminho, ouviu alguém dizer:

– Meu mel é doce, o melhor que se pode ter, e o preço é bom. Quem quer comprá-lo?

O sufi, que não carregava nenhuma moeda consigo, lhe disse:

– Queres vendê-lo por nada?

O homem, furioso, gritou:

– Quem entrega seus bens por nada? Some daqui! Além de ganancioso, estás louco; em troca de nada só receberás nada.

Então uma voz interior disse ao sufi:

– Avante! Dá um passo além do lugar onde estás e serás satisfeito; por nada Eu te darei tudo; se quiseres mais, então mais ainda Eu te trarei. Sabe que Minha misericórdia é como um sol resplandecente, nenhuma partícula escapa à sua luz.

UMA PEQUENA HISTÓRIA DE AMOR

Majnun esquadrinhava a terra do caminho grão a grão, quando um passante lhe perguntou:

- O que procuras neste chão imundo?
- Minha procura por Laila não tem fim, ele respondeu.
- Como esperas encontrar Laila dessa maneira?, perguntou o outro, por acaso uma pérola tão pura e valiosa poderia estar perdida na poeira?
- Eu busco Laila incansavelmente por todos os lugares, disse Majnun, com a esperança de um dia encontrá-la em alguma parte de alguma maneira.

O DISCÍPULO E SEU MESTRE

Um discípulo perguntou a seu mestre:

- Como poderei chegar à união com Deus?
- Para isso é preciso atravessar, respondeu ele, sete oceanos de luz e sete de fogo, e percorrer ainda um caminho muito longo. Quando tiveres atravessado todos esses oceanos, então serás arrebatado por um peixe; um peixe tal que, em sua respiração, envolve os últimos e os primeiros. Este peixe maravilhoso não tem cabeça nem rabo, é imenso, porém invisível; ele se mantém no meio do oceano tranquilo da independência, e arrasta como um crocodilo os dois mundos em um instante. Ele atrai para si todas as criaturas sem exceção.



Foto de Daniel Cymbalista

SER
PERIÓDICO DA ESCOLA
GURDJIEFF SÃO PAULO
Novembro de 2013

EDITORES
Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful

COORDENAÇÃO GERAL
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

COMITÊ EXECUTIVO
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Heloísa Margarido
Renato Batata
Elisa Yoshimura
Márcia Kondratiuk

PROJETO GRÁFICO
Mauricio Nisi Gonçalves

TRADUÇÃO DOS TEXTOS TRADICIONAIS
Maria Aparecida Ramos De Stefano

REVISÃO DE TEXTOS
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Maria Eugênia da Rocha Nogueira

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
Elisa Yoshimura
Heloísa Margarido
Renato Batata

ESCANEAMENTO DE IMAGENS
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

TRATAMENTO DE IMAGENS
Renato Batata

IMAGENS
Fotos de Paulo Raful e Lauro Raful:
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Página 1: Pinus Gerardiana. Samuel Bourne, 1509

Página 24: O castigo de Prometeu. Imagem da mitologia grega

Páginas 36/37: Imagem da tradição japonesa

Página 42: Escultura de uma apsara. Arte do Khmer, século XII

Página 44: Imagem da Alquimia

Página 67: A Madona dos Rochedos. Detalhe da pintura de Leonardo da Vinci

Página 69: A salamandra. M. Maier, Atalanta fugiens, Oppenheim, 1618

Páginas 73/74/75: Imagens da Alquimia

CAPA
Lauro Raful e Renato Batata
Desenho de Nonny Hogrogian

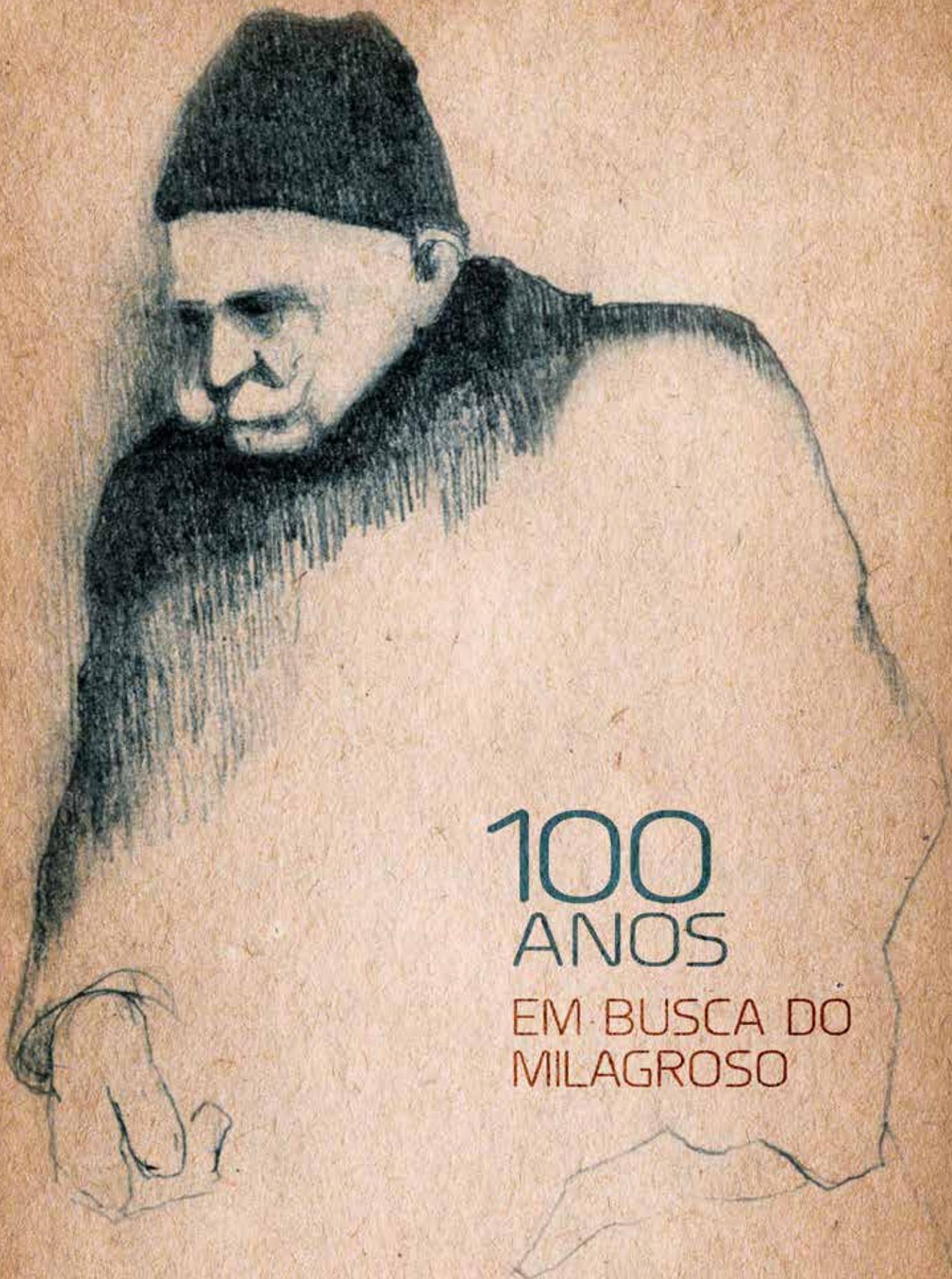
4ª CAPA
Lauro Raful e Renato Batata

COLABORAÇÃO:
IMAGENS E LIVROS RAROS
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Ilda Soban

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Copy Center

© COPYRIGHT
Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful

EDITORA ESOATENCA
contato@ogrupos.org.br
www.ogrupos.org.br



100
ANOS

EM BUSCA DO
MILAGROSO